

Figueiredo na Globo

Presidente vira garoto-propaganda

Figueiredo foi contratado pela TV Globo, como garoto-propaganda do PDS. A partir de agora está no vídeo todo domingo, sob o patrocínio do

monopólio das comunicações, para promover uma mercadoria estragada: os candidatos do governo, nas eleições de 15 de novembro. Página 3



Subiu de novo a maré das greves no país

Mais de 200 mil pararam nas últimas semanas. Pág. 8

A Nação se levanta em defesa de Javier

PMDB, PT, PDT, PTB, UNE e UBES, Comissão Pró-CUT e sindicatos, reitores, professores e estudantes, todos unidos na campanha para impedir que o governo expulsa o presidente da UNE. Pág. 8



Protestos em São Paulo quarta-feira contra a expulsão; houve outros por todo país.



Caravana vai a Brasília contra pacote do INPS

Leia na Página 5

Mulher e menino são explorados em dobro

A conclusão é da Semsat. Pág. 4

Há um século desaparecia o herói de dois mundos

Homenagem a Giuseppe Garibaldi, combatente pela liberdade. Pág. 7

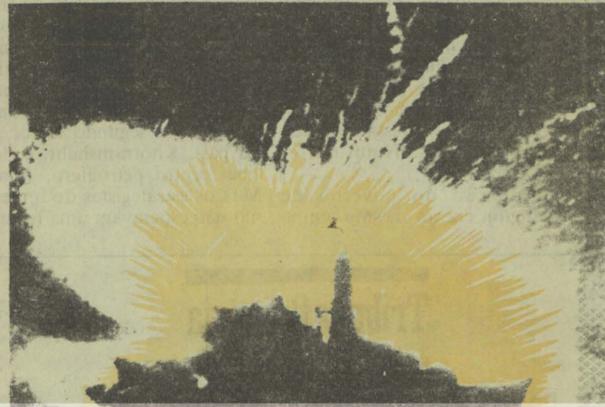


Garibaldi: 1807-1882

América Latina tem mais de 50 mil presos desaparecidos

"Nos últimos tempos ocorreram aproximadamente 50 mil desaparecimentos de pessoas por motivação política na América Latina. No Brasil, desde 1964 ocorreu o desaparecimento de 222 pessoas; na Argentina, 30 mil; no Chile, em torno de 1.500 e no Uruguai, 137 pessoas." A denúncia foi feita pelo presidente do Comitê Brasileiro pela Anistia, Luis Greenhalg, na abertura da "Semana Mundial do Preso Desaparecido", dia 25 em São Paulo. A "Semana do Desaparecido" ocorre simultaneamente no Chile, Argentina e Uruguai, e é promovida de acordo com resolução do 1º Congresso de Familiares

de Presos Desaparecidos, ocorrido em São José da Costa Rica. O objetivo da "Semana" é, entre outros, criar um organismo permanente que possa atuar e tomar medidas efetivas em situações de emergência; que possa receber denúncias de desaparecimentos de pessoas. Denunciar, ainda, a colaboração entre os diferentes regimes militares para o sequestro de pessoas e o tráfico internacional de prisioneiros. Foram expressamente condenados os regimes militares da Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, El Salvador, Guatemala, Haiti, Paraguai e Uruguai pelo desaparecimento de presos políticos.



Fragata inglesa explode após ser bombardeada pela aviação argentina.

Empresa americana mata outro operário no Maranhão

Estava sem cinto de segurança e caiu de 25 metros nas obras da Alcoa. Página 5

A guerra pega fogo

A Inglaterra está decidida a levar até o fim a agressão nas Malvinas. Pág. 2

O Brasil a reboque da corrida armamentista

A guerra das Malvinas serviu de pretexto para uma campanha dos generais de Brasília em favor de mais armas. Última página.

EDITORIAL

Mais ação de massas

Cada vez mais o centro da atividade política do País volta-se para as eleições. Mais importante do que a disputa de cada cargo, está em jogo a presidência da República em 1984. E o julgamento público do regime militar imposto ao País desde 1964.

Assustado com a possibilidade real de uma derrota, o grupo do Planalto, além dos casuístas, da corrupção e das ameaças de retrocesso, apela agora para um festival de demagogia. Violando leis e normas de ética, o presidente da República aparece na Globo como garoto propaganda do PDS. E por decreto impõe mais uma sacrifício à Nação com o chamado imposto social. Pretende enganar o povo e neutralizar o movimento de massas.

Mas a realidade do País lhe é adversa. A política que aplica contraria os interesses da imensa maioria dos brasileiros. É generalizado o sentimento de repulsa ao continuísmo dos generais. Diante das dificuldades, os donos do poder se desatnam. Mostram-se arrogantes e prepotentes. Nas fileiras do PDS afloram as disputas desavergonhadas pelos postos de comando. O Governo e o seu partido se deterioram.

Mas seria um erro imperdoável constatar as dificuldades do Governo e dormir sobre os louros. O regime não cairá por si mesmo. Terá que ser derrubado. E a oposição também tem suas debilidades.

A liquidação do regime depende fundamentalmente da ação enérgica das grandes massas. Neste ponto exatamente reside a principal fragilidade da oposição. Mesmo a corrente popular ainda precisa aprofundar seus vínculos com as massas, levantar mais alto a defesa de seus interesses, e melhorar os métodos e formas para impulsionar suas lutas. Além disto, certas correntes que atuam no movimento popular prefe-

rem conter a luta de classes. Jogam numa solução de compromisso.

Aos candidatos operários e populares cabe a tarefa de dar um novo rumo à luta eleitoral. Trata-se de orientar as massas no seu combate cotidiano, defender as suas reivindicações mais sentidas por menores que sejam, exigir o respeito a seus direitos, batalhar pela justiça social e pela liberdade.

Fazer da campanha um instrumento para defender a UNE, impedir a expulsão de Javier e garantir a liberdade de organização dos estudantes e do povo. Ajudar a desenvolver um vigoroso movimento de solidariedade aos operários da Coferraz e de outras empresas que há meses não recebem seus salários. Colocar-se ao lado de cada camponês agredido pelos grileiros. Apoiar cada greve e denunciar o Governo que as declara ilegais para servir aos capitalistas. Protestar contra cada violência policial sobre os moradores das periferias. Vincular-se ao movimento real e ajudar a esclarecer o povo na ação prática.

Existe uma certa mobilização em torno destas questões. Mas muito aquém das necessidades. Se os candidatos populares articularem suas campanhas com estas lutas em curso, prestarão um inestimável serviço ao movimento oposicionista em nosso país.

Nesta tarefa de mobilizar a opinião pública e fortalecer o movimento de massas não cabe nenhuma estreiteza política. É possível e necessário construir a unidade na ação comum pela base. Mesmo que a cúpula de certas correntes ofereça resistência. Este é o caminho concreto para colocar o PDS e o Governo como inimigo principal e impulsionar o movimento de oposição. Mais do que isto, é o meio para colocar a unidade popular como núcleo impulsionador do movimento democrático.

Bloco imperialista abre o jogo da guerra

A invasão das Ilhas Malvinas pelos fuzileiros navais britânicos, dia 21, empurrou a guerra para sua fase aberta — é decisiva. A ONU encarregou seu secretário geral, Perez de Cuellar, de tentar de novo a paz, mas nem ele acredita nisso. A Inglaterra leva a agressão armada às últimas consequências, para "dar uma lição" não só na Argentina mas em todas as nações dependentes. O bloco imperialista ocidental abre o jogo. Aparece o acordo entre EUA e URSS: respeito às respectivas áreas de influência. E comprova-se, que não serão generais tipo Galtieri que defenderão a soberania dos latino-americanos.

É impossível traçar um quadro preciso da guerra após o desembarque britânico. Cada lado mente mais que o outro. Sabe-se que os argentinos afundaram dia 21 a fragata inglesa *Ardent* e dia 25 o destróier *Conventry*. Dia 26, Londres já contava cem mortos e 120 feridos em sua tropa, com a idade média de 20 anos. Mas os ingleses consolidaram suas posições em terra, e já avançam rumo à capital, Porto Argentino (Stanley para a Grã-Bretanha).

O governo Galtieri anunciou dia 25 que aceita um cessar-fogo, mesmo com as tropas britânicas nas Malvinas. Antes, falava mais grosso. Mas os colonialistas ingleses responderam que só querem o cessar-fogo depois de terem o controle militar das ilhas — ou seja,

depois de esmagar toda resistência. O amolecimento de Buenos Aires e a arrogância de Londres indicam que a Argentina está levando a pior.

O BLOCO DO IMPERIALISMO

A Inglaterra leva a vantagem de ser uma potência imperialista, decadente, é certo, mas escolada em guerras de agressão. E, sobretudo, de ter atrás de si todo o bloco imperialista ocidental, capitaneado pelos Estados Unidos. Nesta santa aliança da agressão entraram desde a Alemanha social-democrata até o Japão imperial, a França dita socialista... As rachaduras que se observa são justamente nos países mais fracos da OTAN, Itália e Irlanda. E o secretário de Estado



Após o ataque dos colonialistas, a bandeira britânica voltou às Malvinas

americano, Haig, diz que os EUA bancam a parada da agressão, inclusive fornecendo armas à Grã-Bretanha, se for preciso.

O ministro do exterior argentino, Costa Mendez, que não está gostando nada disso, disse dia 26 que neste caso Buenos Aires também pediria ajuda militar a outros — leia-se União Soviética. Mas a URSS age nas Malvinas exatamente como os EUA na Polônia: quer ver o circo pegar fogo, mas não dá um passo que viole a divisão do planeta em duas áreas de influência: a soviética e a norte-americana.

O GOVERNO POR UM FIO

Do lado argentino, a perspectiva da derrota militar acirrou a luta interna pelo poder, colocando o governo Galtieri por um fio. Três grandes correntes se cristalizam hoje, para substituí-lo.

Uma é composta pelos setores mais fascistas das forças armadas, que levantam o nome do ministro da Marinha para assumir a presidência. Foram eles que sequestraram diversos jornalistas estrangeiros ultimamente e explodiram uma bomba em frente ao Banco de Boston.

Já outra corrente busca uma saída de conciliação: a formação de um governo "cívico-militar" — provavelmente mais militar — encabeçado talvez pelo atual secretário geral da OEA, Alejandro Orfilla. E há os defensores da saída popular, que propõem um governo democrático, capaz de superar os traumas da ditadura militar e de recolocar num clima de liberdade e independência o problema da soberania argentina sobre as Malvinas.

Mas, seja qual for o desfecho militar, todo o sistema de dominação do bloco ocidental sai abalado pela guerra. A OTAN, a OEA, o TIAR, o Banco Mundial, o FMI — todos mostraram o que realmente são: violentos instrumentos de dominação a serviço de grandes potências, em especial os Estados Unidos. A própria ONU se mostrou totalmente incapaz de conter a agressividade belicista. As grandes potências, que têm o privilégio do veto no Conselho de Segurança, barram toda e qualquer resolução que fira seus interesses. Fica patente também a inutilidade de iniciativas como o diálogo norte-sul na ONU, que pretende abrandar o imperialismo através de brilhantes discursos.

Albânia condena a ação dos imperialistas

Trechos de um artigo do jornal *Zeri i Popullit* (Voz do Povo), do Partido do Trabalho da Albânia, sobre a ação imperialista nas Malvinas.

ZERI I POPULLIT
ORGAN I KOMITETIT QENDROR TE PPSH

"As ilhas Malvinas, do ponto de vista da posição geográfica, são o prolongamento do continente latino-americano e historicamente pertencem à Argentina. Ultimamente começaram a cheirar a petróleo, e há muito tempo as hidras multinacionais rondam suas águas com grande apetite. Mas não é só isto. Os estrategistas dos estados-maiores anglo-americanos, que se preparam para conflitos globais e conflagrações mundiais, destinaram às Malvinas um papel de primeira ordem na eventualidade de um fechamento do Canal de Suez ou da destruição do Canal de Panamá.

"A Grã-Bretanha é sustentada pelos Estados Unidos. Até hoje, Washington apresentava-se como 'defensora' dos Estados da América Latina, como adversária do antigo colonialismo.

"Mas presentemente demonstra uma vez mais que defende na América Latina seus próprios interesses neo-colonialistas e

estratégicos e não a soberania das nações do continente. A manutenção da presença britânica nas Malvinas interessa a esta dominação imperialista, serve a seus fins estratégicos imediatos e em perspectiva.

"As declarações que a União Soviética faz em favor da Argentina não passam de um blefe. Na realidade ela visa aproveitar-se dos acontecimentos para seus próprios fins imperialistas contra os Estados Unidos, para apaziguar, por pouco que seja, a cólera dos povos contra os grandes crimes que estão cometendo contra os povos do Afeganistão, da Polónia e outros países.

"Estes acontecimentos são mais um exemplo para os povos; permitem-lhes conhecer melhor a política agressiva e ocupadora das grandes potências imperialistas. São mais uma razão para os povos reforçarem a vigilância e mobilizarem suas forças em defesa de seus direitos e de sua soberania."

Cuba vai reabrir cassinos para tentar sair da crise

O governo de Cuba acaba de admitir que deverá reabrir, numa zona de livre comércio que pretende criar em Havana, os velhos cassinos que floresciam na época do ditador Fulgêncio Batista. Esta medida é motivo de grande preocupação e constrangimento para os povos latino-americanos, que confiaram na revolução cubana como uma alternativa à decadência do mundo imperialista.

De fato, a economia cubana atravessa sérias dificuldades. A raiz das dificuldades está no modelo econômico, que se concentra na produção de praticamente um único bem primário para exportação: o açúcar. Embora seja hoje o segundo maior produtor mundial, Cuba só consome 6% do açúcar que produz. O resto é exportado, chegando a representar 84% do total das exportações do país.

Como o preço deste produto vem caindo vertiginosamente no mercado internacional, a situação econômica se deteriora a olhos vistos. E, embora a União Soviética (responsável por 68% das importações e 69% das exportações cubanas) compre grande parte do açúcar da ilha a um preço superior ao determinado pelas bolsas de mercadorias de Londres e dos Estados Unidos, este preço acompanha proporcionalmente a queda do valor do açúcar no mercado mundial.

Importando basicamente máquinas e equipamentos, petróleo e alimentos a preços que acompa-

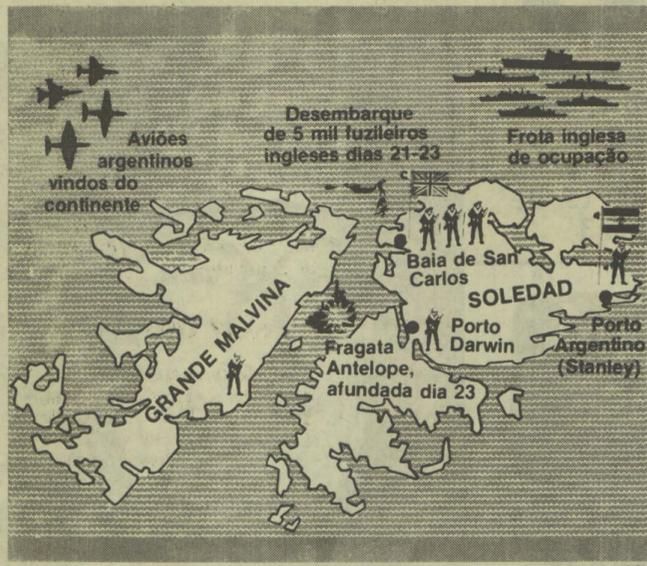
nham o ritmo da inflação mundial, Cuba vem acumulando grandes déficits no seu balanço de pagamentos. O engraxado e revelado é que os responsáveis por este déficit são exatamente os países ditos socialistas do Comecom.

Assim, no período de 1975 a 1980, de um crescimento anual previsto em 6%, Cuba só atingiu 4%. E a dívida externa aumentou assustadoramente, chegando a 10,6 bilhões de dólares.

PORTAS ABERTAS

Pressionado pelas crescentes dificuldades, o governo cubano vem abrindo as portas da sua economia para os investimentos das grandes empresas multinacionais. O Conselho de Ministros acaba de aprovar o decreto-lei nº 50, que permite ao grande capital ocidental instalar empresas mistas em Cuba, junto com as empresas estatais. O limite de participação é de 49% e, em "casos especiais", pode até exceder este limite.

Os investidores estrangeiros têm liberdade de escolher seus diretores e gerentes, de fixar seus preços, de exportar e importar de acordo com as suas necessidades, além da garantia de repatriação de seus lucros e dividendos. Algumas empresas, especialmente as envolvidas na indústria de turismo, que vai reabrir os cassinos, terão até isenção de impostos. Certamente não é este o caminho para romper com a dependência e resolver os problemas da economia cubana. (Luís Fernandes)



Invasores iraquianos são expulsos do Irã

Há cerca de vinte meses, o Iraque atacou o Irã. Tratava-se de uma manobra do imperialismo norte-americano, que buscava recuperar terreno perdido no Oriente Médio. Mas os estrategistas do imperialismo não levaram em conta a resistência do povo iraniano, que dia após dia foi expulsando os invasores até levar o Iraque à derrota.

O Irã impôs, há dias, uma derrota humilhante ao Iraque, reconquistando a cidade portuária de Khorramshahr, ocupada há 578 dias pelas tropas deste país. Com isto a guerra de vinte meses entre os dois países virtualmente chega ao fim, com a vitória dos iranianos. Até o presidente iraquiano, Hussein, já admitiu que perdeu a parada. Esse resultado pôs em polvorosa Israel e os governos árabes reacionários na região, que temem uma nova onde revolucionária em todo Oriente Médio.

OS PLANOS AMERICANOS

A guerra teve início em 22 de setembro de 1980, com a invasão e ocupação do Sul do Irã pelo exército iraquiano. Formalmente, o motivo do conflito é a disputa por três pequenas ilhas no estreito de Chah-Al-Arab, que garantiriam ao Iraque o controle pleno do seu acesso ao Golfo Pérsico. Mas quem instigou de fato a agressão iraquiana foi o imperialismo norte-americano.

A intenção do governo de Washington era ao mesmo tempo



Soldado iraniano luta contra os invasores do Iraque, que foram joguete do imperialismo norte-americano.

atingir a revolução iraniana, ativar os conflitos no interior do mundo árabe, para minar a sua unidade na luta contra Israel, e recuperar terreno perdido na sua disputa com a União Soviética pelo controle desta região estratégica de produção de petróleo. E a URSS, que antes armava o exército do Iraque, tentou uma aproximação com o regime de Khomeini. No início a vitória parecia fácil. Os soldados de Bagdá rapidamente ocuparam grande parte do território iraniano, incluindo o segundo maior porto do país, Khorramshahr, e o principal centro petrolífero, Abadam. Mas os estrategistas do imperialismo não esperavam uma resistência

tão tenaz do povo iraniano. Pouco a pouco o que parecia um fulminante "passado" das tropas iraquianas transformou-se num autêntico inferno que deteriorou a disciplina e moral do Exército de Bagdá, lançado numa aventura sem razão e sem futuro.

Em julho de 1981, as forças do Irã já haviam recuperado 40 por cento do seu território. No início deste ano, havia recuperado 80 por cento. E as tropas do Iraque tiveram que se retirar até apenas 5 quilômetros da sua fronteira. Com a ofensiva geral das forças iranianas, a 30 de abril passado, os iraquianos se viram forçados a abandonar até mesmo estas zonas e

concentrar-se em Khorramshahr. Agora, finalmente, as forças de Teerã recuperaram este último baluarte do exército invasor.

O governo do Irã já anunciou que vai continuar a sua ofensiva até provocar a queda do regime de Saddam Hussein. Para tentar salvar do governo de Bagdá, a Arábia Saudita e outros países do golfo chegaram a enviar-lhe 40 bilhões de dólares de ajuda durante o conflito. O próprio Egito, adversário raivoso e violento do Iraque desde o traizoeiro acordo de Camp David, passou não só a dar ajuda militar, como a enviar pilotos e soldados para combater ao lado dos iraquianos.

Tribuna Operária

Endereço:
Travessa Brigadeiro
Luis Antônio, 53 - Be-
la Vista - São Paulo,
CEP 01318.
Telefone:
36-7531 (DDD 011)
Telex:
01132133 TLOP BR

Jornalista responsável:
Pedro Oliveira

Conselho de Direção:
Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Oli-
via Rangel

Sucursais:

Acre: Rua Belém, 91 - Estação Experi-
mental - Rio Branco - CEP 69000. **Amaz-
onas:** Rua Simon Bolívar, 231-A, Fca.
da Saúde, Caixa Postal 1439 Manaus
CEP 69000. **Pará:** Rua Aristides Lobo,
620 - Centro - Belém - CEP 66000. **Mara-
nhão:** Rua 7 de Setembro, 175 - Centro
São Luiz - CEP 65000. **Piauí:** Rua David
Caldas, 74 - sala 306 - São - Terézina

CEP 64000 Ceará: Rua do Rosario, 313 -
sala 206 - Fortaleza - CEP 70000
Paraná: Rua Padre Meira, 30 - sala 108
Centro - João Pessoa - CEP 58000 - Rua
Venancio Neica, 318 - 1º andar - Cam-
pina Grande - CEP 58100. **Pernambuco:**
Rua 7 de Setembro, 42 - 7º andar - sala
707 - Boa Vista - Recife - CEP 50000
Alagoas: Rua Cincinnati Pinto, 183 - Ma-
caco - Centro - CEP 57000. **Sergipe:** Rua
João Pessoa, 299 - sala 28 - Aracaju
CEP 49000. **Bahia:** Rua Senador Costa
Pinto, 845 - Centro - Salvador - CEP
40000. Av. Getúlio Vargas, 260 - sala
101 - Feira de Santana - CEP 44100. Rua
Corpo Santo, 32 - Bairro dos 46 - Cama-
cari - CEP 42800. **Minas Gerais:** Rua da
Bahia, 573 - sala 904 - Centro - Belo
Horizonte - Tel. 224-7605. CEP 30000.
Rua do Contorno Rodoviário, 345-355
Contagem - CEP 32000. Galeria Constan-
tina Valladares - 3º andar - sala 411
Juiz de Fora - CEP 38100. Goiás: Av.
Goiás, 657 - sala 209 - Centro - Goiânia
CEP 74000 - Tel. 225-6689. Distrito Fe-

deral: Ed. Goiás - sala 322 - Setor Co-
mercial Sul - Brasília - CEP 70317. **Mato
Grosso:** Rua Comandante Costa, 548 -
Curitiba - Tels. 321-5095 e 321-3095 -
CEP 78000. **Espírito Santo:** Av. Getúlio
Vargas, 247 - sala 705 - Vitória - CEP
29000. **Rio de Janeiro:** Rua da Lapa, 200
sala 1111 - Lapa - Rio de Janeiro - CEP
20221. Av. Amarel Peixoto, 370 - sala 507
Centro - Niterói - CEP 24000. **São Paulo:**
São Bernardo do Campo - Rua Juruba-
tuba 1716, sala 9, 1º andar - Campinas
Rua Professor Luiz Rosa, 94 - Centro,
CEP 13100. **Paraná:** Av. Wiston Chur-
chil, 2030 - sala 3 - Pinheirinho - Curitiba
- CEP 80000. Rua Sergipe, 892 - salas
7 e 8 - Londrina - CEP 56100. **Rio Grande
do Sul:** Rua General Câmara 32 - sala 35
Centro - Porto Alegre - CEP 90000. Rua
Dr. Montauray, 658 - 1º andar - sala 15
Caxias do Sul - CEP 95100.
A Tribuna Operária, e toda publicação
de caráter político-social, econômica,
cultural, científica, pedagógica, jurídica,
literária, artística, científica, etc., são
aceitas para publicação. Contato: Rua
Curitiba 49 - São Paulo - SP - CEP 01318

ASSINE A TRIBUNA OPERÁRIA!

Receba em casa, semanalmente, o seu jornal
e ajude com sua assinatura a sustentar esta Tribuna a serviço
do presente e do futuro do trabalhador!

Desejo receber em casa a Tribuna. Envio anexo cheque nominal à Editora Anita Garibaldi
Ltda., Travessa Brigadeiro Luis Antonio, 53 - Bela Vista - São Paulo, SP - CEP 01318.

De apoio Anual (52 ed.) Cr\$ 4.000,00

semestral (26 ed.) Cr\$ 2.000,00

Comum Anual (52 ed.) Cr\$ 2.000,00

semestral (26 ed.) Cr\$ 1.000,00

Nome:

Endereço:

CEP:

CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

Quebra-quebra no PDS

Rachado de alto a baixo, o partido do general Figueiredo marcha para a derrota nas eleições de 15 de novembro. Em vias de ser inapelavelmente destruído pelo voto plebiscitário do povo, de condenação ao regime de fome, violência e entreguismo dos generais, o PDS mais parece uma velha construção em ruínas.

Na mesma proporção que aumenta o desemprego e a fome e pioram as condições de saúde, educação e moradia do povo, cresce a luta pela Presidência da República em 84, envolvendo nada menos que 15 nomes de antigos serviços do regime, que disputam para suas bases de apoio as candidaturas aos governos estaduais pelo PDS.

Com a implosão do partido governista, vem à tona o verdadeiro caráter e composição do PDS: quadrilhas que têm em comum apenas o interesse de massacrar os trabalhadores pela fome e entregar as riquezas do país às multinacionais.

DENÚNCIA DE CORRUPÇÃO

Atiçados uns contra os outros por interesses pessoais ou de grupos

beneficiários do poder, os membros do PDS utilizam até a denúncia de corrupção, sempre usada pela oposição, como é o caso das acusações do deputado Teodorico Ferraço (PDS-Espírito Santo) contra o ministro Ernane Galveas, da Fazenda, a quem acusou de favorecer a empresa Dimap, da qual é sócio.

Na Bahia, o senador Lomanto Júnior comparou seu Estado a Uganda, e o governador de seu partido, Antonio Carlos Magalhães, ao sanguinário Idi Amin Dada. No Rio Grande do Sul o candidato do PDS, Jair Soares, ameaça retirar-se da campanha, depois que setores do governo em Brasília deixaram vaziar informações de sua corrupção quando ministro da Previdência Social como o credenciamento de 3.616 hospitais, médicos e dentistas no

último dia em que ficou no cargo ministerial.

BRIGA EM S. PAULO

Em São Paulo, o prefeito pedesista de Penápolis pediu na Justiça a destituição do diretório municipal do seu próprio partido, enquanto o presidente do PDS no Estado, Armando Pinheiro, acusa de corrupção o pretendente à candidatura do governo pelo seu partido, Laudo Natel. Também o ex-governador Paulo Maluf se vê às voltas com as perseguições de seu herdeiro no Palácio dos Bandeirantes, José Maria Marin, começa a lhe fazer.

Em Minas, a candidatura do ex-ministro dos Transportes, Eliseu Resende, apadrinhada por Leitão de Abreu (candidato a presidente em 84) foi torpedeada de Brasília pelo chefe do SNI, general Medeiros (também candidato à sucessão de Figueiredo).

TAPETE PUXADO

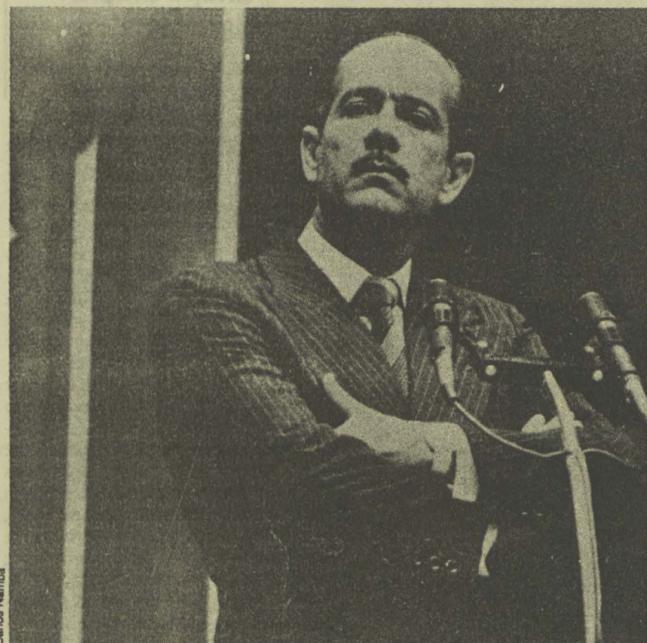
No Rio de Janeiro, rivais do ministro do Interior, coronel Mário Andreazza (outro que quer a vaga de Figueiredo), puxaram o tapete do seu candidato ao governo, Emílio Ibrahim. No Paraná, o ex-governador, general Ney Braga também ambiciona a chefia do regime militar, mas vê o seu escolhido para o governo, Saul Raiz, bombardeado pelas bases pedesistas e pelo ex-prefeito de Londrina, Belinati, que também quer o governo do Estado pelo PDS.

AMEAÇA DE RENÚNCIA

O PDS vê o desentendimento alastrar-se com ameaças de renúncias, como a do candidato ao Senado por Alagoas, ex-governador Guilherme Palmeira, ou a briga em Goiás envolvendo o atual governador, Ary Valadão, e o ex-governador Otávio Lage.

Com um PDS destruído em choques intestinos, fica mais fácil a tarefa da oposição, principalmente do seu maior partido, o PMDB, de conduzir a vontade popular que é a de derrotar o regime militar, aprofundado no seu isolamento e apressando o seu fim.

(Aldo Rebelo)



Galveas: corrupção denunciada pelo próprio PDS na briga pelo poder

Tendência Popular promove unidade do PMDB da Bahia

Ao contrário do PDS, que se esfaca em brigas sem princípios por cargos no governo, a oposição tende a se unir em torno de uma plataforma comum pela liberdade. Um exemplo de grande destaque é o PMDB baiano, unificado em torno da Chapa de Roberto Santos para governador, Rômulo de Almeida para vice-governador e Waldir Pires para senador.

Muitos perguntam como foi possível esta união. Roberto Santos já foi governador da Bahia pela antiga ARENA, Waldir Pires foi exilado após o golpe militar e Rômulo de Almeida tem uma tradição democrática de antes de 1964.

É claro que existem divergências entre eles. E mais ainda com o deputado federal Francisco Pinto, combativo deputado federal e principal representante da Tendência Popular do PMDB na Bahia. Mas foi justamente a Tendência Popular o setor mais ativo para construir esta unidade. A questão central é que para todas estas correntes existe um obstáculo comum a ser removido: o regime militar, representado na Bahia pelo arrogante governador Antonio Carlos Magalhães.

O governador Antonio Carlos Magalhães e o PDS já argumentaram que a oposição escolheu como seu candidato um homem do sistema. Mais recentemente, tem feito uma cruzada contra os radicais e os comunistas na sua campanha. Esta argumentação terá algum efeito eleitoral?

Roberto Santos: Eu acho que não, sinceramente. Pretender-se dar o rótulo de radicais às atitudes que vem sendo tomadas pelas oposições é apenas uma intenção já agora de procurar dificultar o processo de abertura. Elas cairão no vazio.

Nesse sentido, o que acha da legalização do Partido Comunista?

Como se vê, houve uma primeira modificação partidária. Eu acho que com o resultado das eleições de 82 virão outras modificações. E com as novas diretrizes políticas, inclusive as referentes a formação de novos partidos, haverá oportunidade também para a legalização do Partido Comunista.

Qual a avaliação que o senhor faz do atual governo da Bahia?

O atual governo se caracteriza pela grande pobreza de idéias, pela falta de imaginação, pela ausência de diretrizes. O que se observa é uma série de medidas que não representam nenhuma inovação, que não mostram nenhuma corres-



Sentados: Waldir Pires, Rômulo Almeida e Roberto Santos

pondência com as aspirações populares. Tudo isto feito num clima de grande arrogância, numa preocupação de mostrar prepotência. E como não há correspondência com as aspirações populares procurou-se, sem sucesso, montar um grande esquema de propaganda que visava superar as dificuldades de aceitação que vinham ocorrendo por parte da população. Mas este esquema de propaganda visivelmente não teve sucesso. Chegou mesmo a irritar a população em vista dos custos que representavam

para um Estado que vem sendo carente de recursos para programas de maior interesse público.

Qual o prognóstico que o senhor faz para estas eleições?

Acredito na vitória da oposição, é claro. Tanto assim que estamos empenhados na luta. Na Bahia está ocorrendo uma mudança completa do eleitorado. Quem está em contato direto com o eleitorado percebe que a atitude é completamente diversa do período anterior.



Figueiredo na Globo para embelezar o PDS

O presidente é a nova atração da Globo. Agora, todos os domingos, o chefe do governo é o garoto propaganda do PDS. "O povo e o presidente" é a nova ofensiva demagógica do governo Figueiredo, na caça aos votos da população.

O programa é o resultado de um acordo entre a Globo e o general Figueiredo, visando angariar votos para o PDS e audiência para a rede de televisão ligada ao grupo norte-americano Time-Life. Passando por cima da legislação eleitoral — que proíbe desde o dia 15 último a divulgação

dos partidos em rádio e TV — e colocando-se sob a exclusividade de uma emissora de TV, o general Figueiredo fará, durante 15 a 20 minutos, a divulgação de seu governo.

Para prevenir-se contra situações embaraçosas, muito comuns nas aparições públicas do general,

mais acostumado a dar ordens do que a prestar contas do que faz, a Globo grava "O povo e o presidente" às quartas-feiras. Como um ator de novela das 8, o general Figueiredo aparecerá no vídeo sempre sentado numa poltrona, de paletó esporte. Já no primeiro programa, o presidente de honra do PDS fala sobre moradia, salário-mínimo, custo de vida, e ainda arrisca previsões sobre o resultado das eleições de novembro e sobre o aumento do número de deputados.

"ISSO É CORRUPÇÃO"

A reação à manobra propagandística do governo foi imediata. O deputado João Herculino (PMDB-GO) questionou: "Por que apenas a TV Globo vai ter esse 'privilégio' de contar com a presença do presidente da República? Isso é corrupção." Disse ainda não acreditar que "isso seja de graça, porque um minuto na TV custa muito dinheiro". Mesmo um senador do PDS, general Luís Cavalcante, discordou da função de garoto propaganda do PDS, agora assumida por Figueiredo: "Tal postura não condiz com a respeitabilidade do posto". E um deputado opositor carioca aproveitou para fazer uma pergunta que gostaria que o general-presidente respondesse pela TV: "Por que o Presidente, ficou mudo como um túmulo, quando explodiu a bomba no Riocentro?"

Investido de sua nova função de propagandista do PDS e da Globo, o general Figueiredo prepara seu governo e seu partido para a ofensiva demagógica em busca do voto popular em novembro. Como salientou um parlamentar do PMDB, "assistiremos à mais deslavada, à mais vergonhosa de todas as corrupções que já presidiram eleições em nosso país".

Governo faz demagogia com o Finsocial

No dia 26 de maio o general Figueiredo voltou a se utilizar da cadeia nacional de televisão para anunciar a criação do Fundo de Investimentos Sociais, o Finsocial. Segundo Figueiredo, esta é mais uma medida "humanista" do seu governo e visa custear programa nas áreas de alimentação, habitação popular, saúde, educação e de amparo ao pequeno agricultor. Para isso o general resolveu por decreto-lei, sem consultar o Congresso, cobrar uma "contribuição" de 0,5% das empresas privadas.

Mas, deixando de lado a demagogia, a medida alardeada pelo governo não passa de mais um caça-votos em 1982. Como bem destacou Ulisses Guimarães, presidente do PMDB, "agora, depois de 17 anos, é que descobrimos o social. Coincidentemente, às vésperas da eleição. Se o governo transferisse para o social o que gasta em propaganda, em nomeações por critérios eleitorais, em mordomias e em viagens para o exterior, os recursos para o social seriam bem mais amplos".

O objetivo do projeto não é só eleitoral. Como declarou uma

alta fonte do governo, os recursos adquiridos para o Finsocial servirão mesmo é para viabilizar o pagamento do PIS/Pasep, que devido à má administração, está com caixa vazia. Visa também melhorar a situação financeira do Tesouro Nacional, que está falido.

Iludidos estão aqueles que acreditam no objetivo "humanista" do projeto do governo. Afinal, não é por falta de "fundos sociais" que o povo está morrendo à míngua. Estão aí o FGTS, o PIS/Pasep, o Inamps, o BNH e outros inúmeros projetos criados pelos generais para "melhorar a distribuição de renda" e que não deram em nada. Só serviram para financiar os grandes capitalistas e obras faraônicas, tipo Ferrovia do Aço, Ponte Rio-Niterói e Usina Nuclear.

Além do mais, os 0,5% cobrados das empresas, a quem Figueiredo disse contar com a "solidariedade", serão repassados ao povo. O presidente em exercício da Fiesp, Mario Amato, já confessou que "o imposto social vai provocar o aumento do custo de vida. O consumidor deverá pagá-lo".

Dívida interna no país cresceu 230% em 1981!

Não foi só por demagogia eleitoral que o Figueiredo aumentou os impostos no último dia 25. O que pesou bastante é que o governo está endividado até o pescoço. Além da dívida externa, existe a dívida do governo no mercado interno. Ela já passa de 4 trilhões de cruzeiros e está descontrolada. Só em 1981 cresceu 230%!

Se continuar como está, a dívida interna do governo pode chegar a 40 ou 50 bilhões de dólares, quase o mesmo valor da dívida externa. É uma situação tão grave que influi em toda a economia.

O governo pede emprestado grandes quantidades de dinheiro, através dos títulos da dívida pública. Os mais conhecidos são as Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional. Um grande empresário compra os títulos do governo e depois do prazo marcado no título o governo devolve o dinheiro para o empresário com juros e correção monetária. Ou seja, é o governo que sustenta a especulação financeira no Brasil.

Esse empréstimo é usado pelo governo para suas grandes obras, para cobrir buracos e quase nunca para atividades produtivas. Quando falta dinheiro para pagar os

títulos vencidos, o governo emite mais títulos, fazendo mais dívida para pagar as dívidas. Paga os empréstimos fazendo novos empréstimos. Mas essa situação tem um limite. Cada vez são maiores os juros. Cada vez é preciso mais dinheiro. Isso é um paraíso para os banqueiros. O governo precisa de grandes quantidades de dinheiro. Paga juros altos para conseguir. E a inflação dá um pulo.

O governo já está viciado em pedir empréstimo. Em 1981, por exemplo, ele conseguiu arrecadar 2,2 trilhões em impostos e taxas e ao mesmo tempo fez empréstimos internos num total de 2,4 trilhões. Essa é uma forma aventureira de governar. De um total de 4,6 trilhões de recursos, mais da metade veio emprestado.

Um dos motivos apresentados pelos militantes para dar o golpe

em 1964 foi a alta inflação. A análise dos tecnocratas identificava a emissão de papel moeda, para cobrir o orçamento do Estado com um dos principais fatores da inflação. Culpavam também os salários. Hoje os salários estão super-arrochados e a emissão de dinheiro está relativamente sob controle. Mas em compensação o governo está endividado até o pescoço.

O governo precisa de tanto dinheiro que paga juros altíssimos. Empurrando as taxas para mais de 8% ao mês. Desse jeito tudo que for financiado na economia acaba pagando juros de 150 a 180% ao ano, as mais altas taxas de juros do mundo! Um verdadeiro paraíso para os banqueiros. A política econômica do governo é um dos fortes fatores do aumento da inflação e da manutenção das altas taxas de juros. As finanças do Estado entram num círculo vicioso. Fazer dívidas para pagar dívidas. Com esse regime é isso que podemos esperar. Aumento nos impostos, aumento na dívida interna e externa, aumento nas taxas e diminuição dos salários. (Luís Gonzaga)



No Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco a Semana de Saúde (Semsat) contou com centenas de trabalhadores

O uso e abuso das mulheres e menores

De cada 100 mulheres que trabalham, mais de 20 recebem menos que o salário mínimo, e não chegam a duas as que recebem mais de dez salários mínimos. A denúncia foi feita na 3ª Semana de Saúde do Trabalhador — Semsat —, que neste ano abora o tema "Mulher e Menor". Constatou-se o descumprimento das leis trabalhistas para menores e mulheres.

Dos 44 milhões de brasileiros que constituem a força de trabalho do país, 12 milhões são mulheres. Dessas, quase 2,5 milhões recebem até meio salário mínimo, e não chega a 200 mil as que ganham mais de 10 salários mínimos, segundo levantamentos do IBGE. Praticamente ausentes das atividades sindicais, as mulheres são utilizadas como mão-de-obra barata. A própria abertura da 3ª Semsat, no Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco, dia 24, demonstrou essa realidade: eram poucas as mulheres presentes.

CHEFE DÁ EM CIMA

Verônica de Mendonça, de 15 anos, trabalha há sete meses numa indústria de plásticos: "Mais da metade dos funcionários da Indústria são meninas", conta ela. "Comecei a trabalhar para ajudar em casa. No início foi uma maravilha, mas agora o chefe dá em cima. Tem vez que não tenho nem horário de almoço. Eu recebo hora-

extra, mas nem todas as meninas recebem. Até hoje não me devolveram a Carteira de Trabalho, mas já soube que a data de início de trabalho está errada no registro".

Em São Paulo, 30% das mulheres empregadas trabalham na indústria. Mas no Norte e Nordeste, 40% da mão-de-obra feminina é utilizada na lavoura de subsistência. Segundo o boletim elaborado pelo Departamento Intersindical de Estudos e Pesquisas de Saúde e dos Ambientes de Trabalho (DIESAT), que organizou a Semsat, 95% dos professores primários do país são mulheres, mas dos professores secundários a proporção é menor, 60%, e apenas 23% dos professores de nível superior são mulheres.

JOVENS DOENTES

Os dados são gritantes também em relação ao uso do trabalho do menor. São 5,4 milhões de jovens entre 12 e 18 anos com registro na

Carteira de Trabalho. José Maurílio, 16 anos, trabalha na construção civil desde 1980. "Meu salário é menor do que dos adultos. Mas o problema mesmo é o horário de trabalho, que atrapalha a escola. Fico 11 horas por dia na empresa, e trabalho no sábado e às vezes até nos feriados, sem receber hora-extra. Não sou sindicalizado. Pra falar a verdade, nunca ouvi falar no Sindicato da Construção Civil. Trabalho pra ajudar em casa. Meu pai é motorista de ônibus e minha mãe funcionária da Sanbra".

Segundo o DIESAT, a resistência às doenças infecciosas e parasitárias é menor nos adolescentes do que nos adultos. "Conseqüentemente, é frequente entre os jovens trabalhadores brasileiros e má dentição, a anemia, a estatura baixa com o encurtamento dos membros inferiores, principalmente nas regiões do Norte e Nordeste".

Já em relação às mulheres, da mesma maneira que os homens "desempenham trabalhos penosos e às vezes perigosos e em ambientes frequentemente insalubres, como nas indústrias de cerâmicas, têxteis e químicas, invariavelmente desprovidas de creches. São frequentemente obrigadas ao trabalho noturno e horas-extras e quando gestantes, têm seus direitos abusivamente desrespeitados", concluiu o levantamento do DIESAT.

Mais um operário paulista assassinado pela Rota!

A polícia impune, continua matando indiscriminadamente. Somente em Diadema, cidade do ABC paulista, num curto espaço de tempo, entre as 17 horas e o início da madrugada do dia 22, foram mortas sete pessoas. Todas vítimas da violência policial. Porém, o caso mais dramático aconteceu na Zona Leste de São Paulo, no bairro de São Mateus, quando o operário Antonio Nascimento de Oliveira foi baleado friamente pela ROTA.

Antonio, como a maioria dos nordestinos, chegou em São Paulo junto com a família numerosa, composta de dez irmãos e os pais. Vieram para São Paulo atrás de dias melhores. O pai, Miguel Cândido de Oliveira, 63 anos, trabalhava na lavoura no Rio Grande do Norte até que foi ajudado a construir Brasília. Hoje é carpinteiro e trabalha na SEG Engenharia. A mãe, dona Matilde Oliveira Nascimento, lembra emocionada o quanto o seu filho era querido na vizinhança. "Muita gente se prontificou em doar sangue quando ele estava no hospital. No enterro

tinha tantas flores que os vizinhos trouxeram..."

Desde novembro do ano passado, quanto Antonio foi dispensado da Metalúrgica Arteplas, fazia "bicos" como pintor de paredes. Porém, já estava de passagem comprada para o Paraná, onde iria ficar na casa dos tios e havia conseguido um serviço.

Dia 16, Antonio tinha ido a casa da avó, justamente para pegar o endereço deste tio. A avó insistiu ainda para que ficasse para dormir, mas ele argumentou que "tinha uma festinha para ir" e saiu. No caminho encontrou seu irmão

Francismar e alguns colegas e resolveram apanhar algumas mexericas num pomar. "Por volta da meia-noite quando nós estávamos saindo do pomar a polícia já começou a atirar e todo mundo se assustou", contra Francismar ainda atemorizado. "A polícia mandou que todos saíssem com as mãos para cima. Eu mostrei os documentos e o PM bateu no meu rosto e mandou deitar. Depois falou para gente sair correndo. Os outros correram, mas eu saí andando. Se tivesse corrido eles tinham me matado". Nesse local Antonio foi atingido por uma bala da polícia.

TENTAM ENCOBRIR

No outro dia, os familiares foram na delegacia de Itaquera mas não conseguiram nenhuma informação a respeito de Antonio. Depois de muita procura conseguiram encontrá-lo ainda vivo. A polícia tinha dado entrada de Antonio num hospital como indigente. Quanto aos documentos da vítima foram encontrados depois de muita insistência. "Eu acho que eles esconderam os documentos para enterrar meu filho como indigente, como ladrão. Além de matarem, tentam encobrir", conclui dona Matilde.

Logo depois, na quarta-feira dia 19, Antonio faleceu. A família ainda está traumatizada e sua única preocupação é punir os responsáveis pela morte. "Eu acho eles muito errados", diz seu Miguel, tentando conter as lágrimas. "Eu nunca imaginei estar passando essa coisa horrível que a gente está passando aqui em São Paulo".

(Vera Lúcia Campana)



Entre as vítimas da ROTA, muitos inocentes, como Antônio (foto menor)

Repentistas falam do povo nordestino distante da terra



O cantor repentista é uma das manifestações culturais mais típicas do nordestino. Muito comum entre os vaqueiros, foi para as cidades e chegou em São Paulo junto com migrantes. Na praça da Sé ou nos bares do bairro do Brás, eles relembram a sua distante terra natal cantando a vida sofrida de seu povo. Mas para conseguir este pequeno espaço público para suas apresentações não foi fácil. Até pouco tempo atrás, muitas vezes acabavam seus repentes na prisão.

O pobre do nordestino quando sai do seu Estado em São Paulo é humilhado sofre como um peregrino coitado sem ter destino abandona o seu dialeto nesta tristeza eu me enjaulo que também vivo humilhado e pelas indústrias mandado na nossa grande São Paulo.



L. Carlos Leite

Estes versos do repentista Dedé Laurentino refletem a situação destes cantadores em São Paulo. Ser repentista não é fácil. Januário Gonçalves, 63 anos, pernambucano, está há 17 anos em São Paulo e tem três LPs gravados. Ele explica

que "o repentista canta de improviso, faz rima, metrifica, toca viola e faz a oração do verso, que é contar a história e não colocar outra no meio".

Quando chegou em São Paulo em 1955, Januário foi trabalhar como ajudante de mecânico. No início foi muito difícil viver em São Paulo, "mas depois o repentista caiu no conhecimento do público e aí melhorou". No intervalo de sua apresentação no restaurante "Baião de Dois", Januário dá um conselho para os que vêm do norte para cá: "A primeira coisa que tem que fazer é trabalhar, porque a poesia de repente está muito por trás da parede. O rádio e a TV não procuram o repentista".

LUTAS PELO DIREITO DE CANTAR

José Francisco de Souza, o popular Zé Francisco, é um dos repentistas mais conhecidos de São Paulo. Paraibano, com 15 anos de São Paulo, já tem cinco LPs gra-

vados. Lembra como os repentistas conseguiram o direito de cantar nas praças públicas: "Em 1968 foi fundada uma associação de repentistas em São Paulo. Com esta sociedade fizemos reuniões até dentro das delegacias. Na época, os cantadores se apresentavam no Brás e a PM chegava e prendia".

Zé Francisco afirma que o que está apertando os repentistas são os direitos autorais. "As próprias gravadoras pagam muito pouco o direito autoral". Lourival Alexandre, cearense, gravou agora o seu primeiro LP e diz que "o disco foi difícil até encontrar a pessoa certa". Encontrei o Théo Azevedo que me deu força e fez a produção. Só que está tendo pouca divulgação".

João Cabeleira, operário metalúrgico pernambucano em São Paulo e repentista nas horas de folga em poucas palavras diz o que pensa dos cantadores. "O repentista é a voz do nordestino em São Paulo".

(Domingos de Abreu)



Andorinha e Sebastião Marinho nos desafios entre os nordestinos de S. Paulo

Vaqueiro no Ceará e operário e repentista em São Paulo

Dedé Laurentino é um cantor repentista que faz seus desafios para relembrar o pouco de sua terra natal, o Ceará. E também para agradar seu conterrâneo que vivem na capital paulista. Nos fins de semana, faz suas apresentações em alguns bares onde os nordestinos se reúnem, ou na rádio Gazeta, no programa "Voz do Nordeste". A sua história é como a da maioria dos repentistas que hoje dão uma cor de nordeste em vários cantos de São Paulo.

José Laurentino dos Santos, mais conhecido por Dedé Laurentino, saiu do Ceará há cinco anos com o objetivo de continuar os estudos. Ele conta que no seu Estado trabalhava como vaqueiro no município de Nova Olinda e à noite estudava no

ginsário. "Ia de cavalo do campo pra cidade estudar, numa distância de 12 quilômetros. Chegava em casa à meia-noite, e no outro dia às cinco da manhã já estava desleitando vaca. Eu vim pra cá pensando em encontrar um serviço em que sobrasse mais tempo para estudar, mas o meu sonho não consegui realizar".

Hoje, Laurentino trabalha como eletricitista na Fujimac Instalações Técnicas. "Deve ter lá uns 20 nordestinos que me acompanham nos fins de semana, quando vou cantar", diz ele. No começo a vida em São Paulo foi muito difícil. Como não sobrava tempo pra estudar e não tinha condições de pagar faculdade, acabou virando repentista. E orgulhoso, afirma que "não tem um só nordestino que não conheça o nosso estilo".

Homenagem póstuma a Adelite Santos

Faleceu no último dia 19, vítima de câncer, o responsável pela sucursal da Tribuna Operária em Brasília. Adelite Moreira dos Santos, com 43 anos. Antigo combatente do movimento democrático e popular, Adelite foi presidente do Sindicato dos Bancários em Anápolis, Goiás, sua cidade natal; foi fundador do Sindicato dos Professores de Brasília e participou do Movimento de Renovação Sindical que expulsou os pelegos do Sindicato dos Bancários da Capital Federal. Cerca de uma centena de pessoas acompanharam o féretro de Adelite. A Tribuna Operária, juntamente com o Sindicato dos Bancários e o Comitê Regional do Partido Comunista do Brasil colocaram coroas de flores em sua homenagem. Adelite foi enterrado coberto pela bandeira do PC do B, ao som da Internacional Comunista. (Da sucursal)

Chapa ampla para as eleições do DCE da PUC

Para as próximas eleições para o DCE da PUC de São Paulo, os estudantes já tem uma chapa que representa os anseios da grande maioria. "Prá Sair Dessa Maré" pretende levantar como uma de suas bandeiras principais de luta implementar a Campanha pelo Ensino Público e Gratuito. Alberto Rilhas, candidato a vice-presidente por esta chapa, afirmou que o processo de formação da chapa se deu em cima de uma frente democrática. "Prá Sair Dessa Maré" se propõe a apoiar todos os partidos de oposição, assim como a união das oposições, visando a derrota do regime militar, passo importante para a conquista da democracia", afirma Rilhas. Outras quatro chapas deverão estar participando das eleições, sendo que uma delas, "Chama", de tendências direitistas, tem elementos que já agrediram fisicamente outros estudantes.

Polícia expulsa posseiros no Espírito Santo

Com ordens do juiz Marco Basílio, pelotões de choque da PM expulsaram na semana passada mais de 200 famílias de posseiros do bairro de Carapina e outras 300 em Taquara II, no município de Serra, na Grande Vitória. Muitos dos despejados eram operários recentemente demitidos da Companhia Siderúrgica Tubarão — que já dispensou mais de 15 mil trabalhadores. Premidos pela alta dos aluguéis, eles começaram a ocupar os terrenos vazios da cidade capixaba há cerca de dois meses. A maioria das famílias despejadas estão abrigadas em casas de amigos e exigem do governo um novo terreno, mas não fora da região. O governo tentou deslocá-los para Vitória, Cariacica ou Vila Velha, o que os obrigaria a pegar dois ou três ônibus para chegar aos locais de trabalho. (da Sucursal).

Funcionários da Mafersa conseguem fim das demissões

A Comissão de Fábrica da Mafersa, São Paulo, conquistou estabilidade no emprego por 18 meses para todos os funcionários da indústria, independente de qual grupo econômico vai assumir a empresa, que está em processo de desestatização pelo governo. A conquista foi conseguida com a negociação que os representantes dos trabalhadores realizaram em Brasília com o presidente da Comissão de Desestatização, Paulo Nicole. Segundo Antonio Carlos Duarte, um dos onze operários que integram a Comissão da Mafersa, "essa foi uma importante vitória. Agora a nossa batalha é pelo reconhecimento da Comissão de Fábrica pela empresa, já que ela é reconhecida pelo conjunto dos trabalhadores, que a elegeram após um amplo processo de assembleias dentro da fábrica. Isso garante nossos direitos, elevando o nível de organização."

Camponês exige terra e não aceita mentiras

No dia do trabalhador rural, 25 de maio, sindicatos e outras organizações camponesas reuniram-se em vários pontos dopaís denunciando a grave situação em que vivem os homens do campo. Milhões e milhões exigem terra. Enquanto isto, para encobrir a verdade, o general Figueiredo legalizou alguns títulos de propriedade e diz que isto é reforma agrária.

Em Urai, no Paraná, município onde mais de 3 mil trabalhadores foram mutilados nos últimos anos, vítimas das péssimas condições de trabalho nos latifúndios que produzem rami, está em organização um Comitê Pela Reforma Agrária englobando 8 municípios da região. Numa manifestação com mais de 2 mil trabalhadores foi proposto um congresso paranaense que reúna entidades sindicais, populares e democráticas para deflagrar uma campanha intensiva pela reforma agrária.

O vereador Severino Araújo, líder do movimento, afirma que "não teremos solução para os grandes problemas brasileiros sem uma refor-

ma radical da estrutura agrária. A luta violenta que se desenvolve no campo pela posse da terra diz respeito a todos os que lutam contra o regime atual, pela liberdade e por novas condições de vida para o povo".

OS SEM TERRA

"Nos últimos anos prossegue Severino — houve uma intensa concentração da propriedade fundiária e com amplos privilégios para os monopólios estrangeiros. Todos conhecem dois grandes projetos, o Jica e o Jarí. A questão agrária está intimamente ligada ao problema da soberania nacional. A reforma agrária

é uma bandeira atualíssima e precisamos nos organizar para levá-la em frente".

Também no Paraná, em Medianeira, no oeste do Estado, 4 mil agricultores reuniram-se e organizaram o Movimento dos Agricultores Sem Terra (Mastro) e denunciando que na região existem 15 mil famílias sem terra. Eles exigem que o INCRA facilite o acesso dos pequenos camponeses à terra e que sejam desapropriados de imediato doze latifúndios na região. Pedem ainda que seja concedido crédito fundiário para que os trabalhadores possam cuidar das terras que conquistarem. Exigem terra no Paraná e sabem que isto é inteiramente possível. Não aceitam os tais projetos de colonização na Amazônia e outros locais.

O deputado opositor Nelson Friedrich, presente na reunião, afirmou que "estas reivindicações são justas e acentuam a necessidade urgente da reforma agrária em nosso país".

EM SÃO PAULO

Em São Paulo, no município de Agudos, representantes de cem sindicatos reuniram-se para denunciar a grave situação dos trabalhadores rurais no Estado. Na década de 70, houve uma evasão de 6,5% da mão de obra rural paulista: seu número caiu de 3,4 milhões para 1,9. Entre 1972 e 1978, o número de pequenas propriedades caiu de 154 mil para 123 mil. A propriedade da terra ficou mais concentrada.

A reunião aprovou um documento concluindo que "no Estado mais desenvolvido do país, o trabalhador rural não tem vez".

Esta é uma pequena amostra de como foi o Dia do Lavrador no país. Enquanto isto, o general Figueiredo anuncia que está fazendo a reforma agrária. Na verdade apenas legalizou um minúsculo número de títulos em algumas áreas de conflito. Talvez queira tentar mais uma vez a teoria nazista segundo a qual uma mentira repetida muitas vezes passa por verdade.



O Enclat-Campinas reafirmou as decisões da Conclat, inclusive a data do Congresso dos Trabalhadores.

Enclat de Campinas não aceita adiar Congresso

A realização do Congresso dos Trabalhadores em agosto foi reafirmado por unanimidade no Encontro Regional da Classe Trabalhadora de Campinas. O Enclat de Campinas, ocorrido nos dias 22 e 23, propôs também a ampliação do número de delegados por entidades no Congresso.

A Comissão Pró-CUT foi bastante criticada pelo Enclat campineiro. Tanto seu imobilismo quanto a proposta de adiamento do Congresso dos Trabalhadores foram repudiados pelos 165 delegados e mais de 20 observadores, representando 26 sindicatos e associações profissionais.

Os trabalhadores da região de Campinas concluíram que a crise que atravessa o mundo capitalista coloca o risco de uma nova guerra mundial. "A única garantia real da paz é os trabalhadores no poder, o socialismo. Mas desde já devemos nos mobilizar contra os preparativos de guerra pela

classe dominante", afirmou o metalúrgico João Mendes, delegado de seu Sindicato ao Encontro.

GARANTIR AS ELEIÇÕES

O Enclat ainda se posicionou contra o golpe militar na Polônia e também condenou a manobra militar da ditadura argentina nas Malvinas, bem como o colonialismo britânico. "Os trabalhadores argentinos devem derrubar o governo sanguinário de Galtiere, e aos operários britânicos cabe exigir a retirada da frota inglesa do Atlântico Sul e o fim da política imperialista de Margaret Thatcher", declarou um delegado.

Sobre a situação do Brasil, o Enclat posicionou-se contra o desemprego e o arrocho salarial. Realçou a importância das eleições de novembro, "que devem ser garantidas", e conclamou todos a votarem na oposição, contra o PDS, "que representa o principal inimigo dos trabalhadores hoje". Foi destacada a importância do movimento sindical esclarecer os trabalhadores sobre as eleições e posicionar-se contra os casuísticos eleitorais, salientando que "as atividades sindicais não devem ser relegadas por causa da luta eleitoral".

Foi aprovada ainda a campanha pela Assembleia Nacional Constituinte Livre e Soberana e o repúdio ao pacote da Previdência Social e à tentativa de expulsão do presidente da União Nacional dos Estudantes, Javier Alfaya.

Como avaliou a funcionária pública Ada de Oliveira, "nem todas as questões foram aprofundadas. Mas o resultado final foi muito bom. Inclusive devido ao reforçamento da Comissão Sindical Única da região. Assim garantiremos a formação de uma Central Única dos Trabalhadores, representativa e que leve adiante a luta dos trabalhadores". (Carlos Pompe)



Reforma agrária, antiga exigência dos trabalhadores do campo

Sindicatos realizam caravana a Brasília

Está marcado para o dia 2 de junho o ato contra o Pacote da Previdência, em frente ao Congresso Nacional, em Brasília. De todas as regiões do país sairão caravanas organizadas pelos sindicatos para protestar contra o aumento do desconto do INPS dos trabalhadores. O ato foi convocado pela Comissão Nacional Pró-CUT.

Apesar das debilidades de organização e convocação, vários ônibus estão sendo fretados para levar os trabalhadores a Brasília. Em São

Paulo, 100 sindicatos filiados à Federação dos Trabalhadores Rurais já decidiram por sua participação na Caravana. Também no Ceará, os sindicatos estão se mobilizando para o repúdio ao Pacote da Previdência: "Somente com mobilizações de massas conseguiremos impedir mais essa arbitrariedade do governo Figueiredo", afirma o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos local, Raimundo Guerreiro, que em Brasília participará também da reunião da Comissão Pró-CUT.

Leia e assinie a **Tribuna Operária**

Avaliação da greve dos professores de Goiás

Terminou no dia 21 a greve dos professores da rede pública de Goiás. Durante 34 dias cerca de 15 mil professores, em 60 cidades, participaram do movimento. Na capital, 95% das escolas chegaram a estar paralisadas. Segundo o professor Lindomar Resende, que teve destacada e reconhecida participação nas assembleias e na greve, "a mobilização começou desde o encontro estadual, em novembro de 1981. O descontentamento da classe era muito grande, e foi aprovada a indicação da greve".

No dia 17 de abril, os professores começaram a cruzar os braços: "As reivindicações principais eram a aprovação do estatuto do magistério e a equiparação salarial com a rede federal", relembra o professor.

"Os pais não mandavam os filhos às aulas. Alguns se propuseram até a fazer piquetes. Houve mães que queriam entrar em greve de fome, em apoio a nós. Os secundaristas, através da UMES de Goiânia, também reforçaram nossa luta."

Houve debilidades na direção e organização da greve. Faltou articulação aos comandos de greve dos bairros.

"Muitos professores estão descontentes com o governador Ary Valadão, que negou-se a negociar com os grevistas. Mas com a força do movimento ele acabou prometendo enviar a mensagem de aumento do funcionalismo até o final deste mês e admitiu a possibilidade de constituir comissão para elaborar o estatuto do magistério". (Da sucursal)

Alcoa do Maranhão mata mais um operário

No decorrer da própria Semana de Prevenção de Acidentes, mais um operário morreu no canteiro de obras do Consórcio Alumar (Alcoa-Shell), em São Luis do Maranhão. Foi vítima da insegurança do trabalho. No último dia 24, as onze horas da manhã, Francisco Maurício dos Santos, 24 anos, ajudante de montador da Techint (emprei-

teira da Alumar), despencou da altura de 26 metros. Teve morte imediata.

A morte do operário, como outras inúmeras que ocorrem na construção civil, não foi acidental. Segundo testemunhas, Francisco estava trabalhando num andaime interno sem ter ao menos um cinto de segurança. Durante a execução do trabalho, um guincho cho-

cou-se contra o andaime, desequilibrando o operário. A Techint limitou-se a apresentar condolências à família do morto, enquanto a Alcoa e a Delegacia Regional do Trabalho não tomaram qualquer providência. Esta é, pelo menos, a segunda morte que acontece no canteiro de obras da multinacional do alumínio. (Da sucursal)

Errata

No número 70 da Tribuna Operária, na matéria "Os professores de Goiás dão vitória a 'Pés na Terra' noticiamos, erroneamente, que o professor Athos Magno fazia parte da

chapa perdutora (na verdade, ele a apoiava). No número 66, na matéria "Professores param as aulas em Goiás", as críticas ao governo goiano e ao PDS, de perseguições aos grevis-

tas, foram atribuídas à diretora Cardoso dos Santos, quando na realidade eram feitas pelo professor Delúbio de Castro.

Solidariedade de classe aos operários da Coferraz

Os metalúrgicos da Coferraz de Santo André, que há quatro meses não recebem um níquel do seu salário, ficaram bastante satisfeitos com a primeira coleta feita pela Tribuna Operária. As contribuições foram arrecadadas numa faculdade de Recife (Cr\$ 8.600) e num ato de comemoração dos 10 anos de Guerrilha do Araguaia, em Belo Horizonte (Cr\$ 9.800).

"Qualquer pacote de feijão que chega é recebido com alegria", comentou Mário Pacheco, um dos membros da Comissão da fábrica responsável pela distribuição dos alimentos aos companheiros da Coferraz.

A situação dos dois mil metalúrgicos da empresa é alarmante. Um encarregado da manutenção, o Eraldo, teve seus nervos abalados, "não fala coisa com coisa desde que viu seus filhos passando fome". O próprio Mário está há quatro meses sem pagar o aluguel de sua casa. "E o dono quer a casa de qualquer jeito.



Os operários da Coferraz recebem apoio dos seus companheiros de classe

Não se importa se eu e minha família formos para debaixo da ponte".

Já o governo não cumpriu suas promessas. O ministro Murilo Macedo prometeu na TV que iria isentar todos os operários de pagar a conta de luz. "Tudo mentira. Na casa de todos nós a luz está sendo cortada. Ele falou isso para dar impressão que estava tudo bem com a gente. Ele quer é ganhar voto para o PDS, mas

com a gente ele vai se ferrar", comenta Mário.

Reafirmamos aqui o apelo à solidariedade de classe. Nenhum trabalhador consciente pode menosprezar a luta dos operários da Coferraz, preocupando-se apenas com seu bairro ou sua fábrica. A classe operária é uma só e nisto consiste sua força. **Mande sua contribuição.**

Metalúrgica Tupi de Santo André em greve contra atraso de salário

Os 230 metalúrgicos da Tupi, em Santo André no ABC paulista, encontram-se na mesma situação da Coferraz. Desde janeiro a empresa vem pagando o salário com atraso e neste mês não houve pagamento. No dia 24, os operários resolveram dar um basta: entraram em greve.

"Trabalhar com fome não dá. Por isso estamos em greve e só voltamos a produção quando todo o salário for pago", afirma um operário com dois meses de polmonite na Tupi. Ele prossegue: "Todos os companheiros estão passando dificuldades. Tem um que mora no Sapopemba e vem todo dia à pé para firma, andando cerca de uma hora e meia. Eu mesmo tenho mulher e quatro filhos e dependo só do

ordenado daqui. Estou com três prestações atrasadas. E hoje quando eu sai de casa para vir para firma nem café eu tomei. Não tinha um tostão no bolso".

Numa rodinha na porta da Tupi alguns operários explicaram à Tribuna o porquê da greve. Apenas um encarregado de seção foi contrário a paralização. "Nós temos que entender que esta é uma firma pequena e brasileira. Não tem o poder das multinacionais e está em crise", argumentou. Os outros logo contestaram: "Nós já demos muito lucro para este industrial. No mês passado mesmo ele vendeu um 70 mil ferros de passar roupa. Porque com este dinheiro ele não nos paga o que é devido? Ele não nos pagando com sete meses de firma. Posteriormente

mente, falando baixinho, um operário me informou que "o encarregado é puxa-saco do patrão, vive nos pressionando. Quase que já apanhou por isso da peçoçada".

A alegação do proprietário da Tupi para não pagar os salários é a mesma de outros inúmeros empresários: a firma está falindo devido a crise do capitalismo e a concorrência desleal das multinacionais. Contra as multinacionais todos os operários também estão. Mas isso não quer dizer que eles tenham que arcar com a crise dos capitalistas, sejam eles pequenos ou grandes. "Afinal, nós produzimos e ele tem o dever de pagar pelo menos o nosso mísero salário. Não tomamos nós que fizemos a firma falir, pelo contrário, nós produzimos muita produção", explica outro operário.

Alguns médicos do INAMPS, em Cambuí, exploram os doentes

Diversos pacientes são roubados na hora do pagamento

A assistência médico-hospitalar no Brasil vem sendo nestes últimos anos um caso de vergonha nacional. Vejamos alguns casos na cidade de Cambuí, sul de Minas Gerais. Alguns médicos contratados pelo INAMPS, os quais teriam por força de contrato, o dever de prestar assistência médica a todos os segurados gratuitamente, nem sempre a prestam.

Muitos doentes ou serem internados no hospital de Cambuí optam pelo quarto de primeira. Isto porque em sua enfermaria, onde são também colocados os pacientes do INAMPS, dá a impressão de um campo de concentração. Esses doentes sujeitam-se ao pagamento da diferença médico-hospitalar, de acordo com as normas estabelecidas pelo próprio INAMPS.

Em março de 1979 foi internada no hospital uma paciente que precisava submeter-se a uma determinada ci-

urgia. O marido da paciente fora informado pelo médico e sua mulher optou pela internação num quarto de primeira. Quando o marido foi acertar as contas, recebeu as seguintes informações: quanto ao pagamento das despesas do hospital, poderia ser subtraída a importância paga pelo INAMPS. Mas, quanto ao pagamento da parte médica teria de ser total — Cr\$ 8.000,00.

Verificando posteriormente, constatou-se que o INAMPS pagou para o médico efetuar aquela cirurgia Cr\$ 880,00. Então constatou-se a corrupção, pois o médico cobrara do paciente 8 mil cruzeiros e do INAMPS 880. O correto, segundo as normas do próprio INAMPS, o médico poderia cobrar 100% do valor pago pela Previdência, ou seja Cr\$ 1.760,00, em virtude da paciente ter ocupado um quarto de primeira.

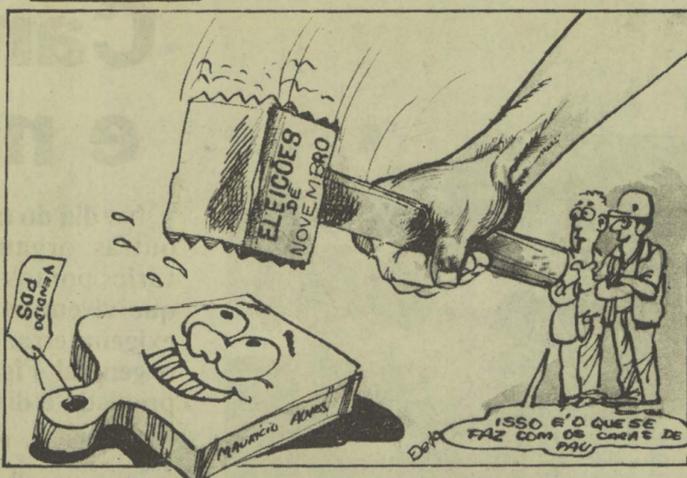
Para os casos de urgência do Funrural, a situação não é

menos grave. Quando um paciente é conduzido ao hospital, o médico nunca se encontra de plantão. Segundo consta, não existe convênio entre o Funrural e o hospital, porém para esses casos o médico deverá assinar uma guia que dará direito ao paciente ser conduzido à cidade de Pouso Alegre. Como o médico não está de plantão, os familiares do paciente terão de procurá-lo em seu consultório particular, onde o mesmo só assina mediante o pagamento de uma consulta particular, no valor de três mil cruzeiros.

Senhor Ministro da Previdência Social, V. Excia. que é tão rígido apenas com os pequenos segurados, porque não compra esta briga? Basta verificar as faturas de pagamentos feitos aos médicos do hospital e encontrará provas suficientes para mandar muita gente pra cadeia.

(Diretório do PMDB de Cambuí)

FALA O POVO



Povo vaia vereador que trocou PMDB pelo PDS

Demonstrando uma tremenda irresponsabilidade, o vereador Maurício Alves trocou o PMDB pelo PDS. Numa negociação vergonhosa, em uma transação que custou uma motocicleta oferecida pelos corruptos do PDS.

Mas por onde ele passa recebe vaia e repúdio da população, numa prova de que o povo responde com altivez os traidores. Aqueles que se vendem por preços de banana, usando o mandato para fins mercantis, sem

escrúpulos e sem consideração para com o povo.

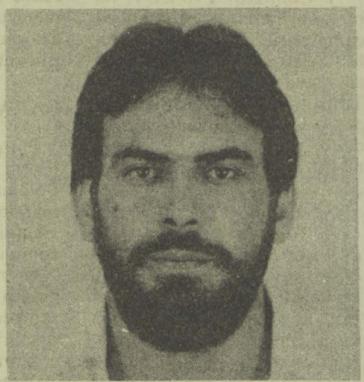
Mas, tudo isso é uma lição, é uma experiência que o povo adquire de não mais conduzir elementos sem compromissos com os interesses do povo. É preciso refletir e enxergar os que merecem ser representantes, os que dão o seu mandato à serviço das lutas populares e os que tornam porta-vozes dos anseios e das lutas deste mesmo povo. (M.S.C. — operário de Bayeux, Paraíba)



fala o POVO

Há alguns números passados a Tribuna publicou uma carta de um metalúrgico denunciando a exploração na Metalúrgica Eriez. Como prova que suas denúncias eram verdadeiras, e que não agradaram os donos da fábrica, o operário foi demitido pelos gananciosos patrões. Mas seus colegas de trabalho não se calaram e nem se amedrontaram. Neste número eles nos escrevem novamente contando como continuam as injustiças naquela fábrica. Com denúncias deste tipo, nossos leitores vão tomando conhecimento das condições de trabalho dentro das fábricas, onde os trabalhadores passam a maior parte de suas vidas.

Caro leitor operário, escreva-nos e faça deste jornal mais uma trincheira de luta dentro de sua fábrica.



Edson Marçal: "Ameaças não me vergarão"

PDS manda agredir candidato do PMDB de Cametá, Pará

Edson Marçal, candidato a vereador pelo PMDB em Cametá, Pará, procurou a Tribuna Operária para denunciar as perseguições que tem sofrido em função do trabalho que tem desenvolvido contra a corrupção e descalabro administrativo. Ele diz que o povo já sabe das falsidades do PDS e já está cansado de promessas. Edson Marçal organizou o setor jovem e o departamento feminino do PMDB e espera trazer mais de 30 mulheres para participarem do Congresso da Mulher Parense, a ser realizado dia 30 de maio. Edson levou um médico a Cametá, onde foram atendidas 2.500 pessoas. Nesse dia, soldados do Tiro de Guerra ficaram rondando sua casa, armados de fuzis, na tentativa de intimidá-lo.

"Fui agredido por um funcionário do DER, a mando do PDS, que está desesperado com a derrota bem próxima. O povo vai desabafar nas urnas", diz Edson. "Ameaças e perseguições não me vergarão". Edson Marçal, estava acompanhado de Valdir Sales Cordeiro, que era candidato a vereador pelo PDS, mas abandonou esse partido para entrar no PMDB. (Colaborador da TO — Cametá — Pará).

Empresa de ônibus carioca rouba as horas extras

Os motoristas da Viação Campo Grande, no Rio de Janeiro, hoje mais do que nunca têm muito que reclamar. Após a incorporação da Empresa Santa Sofia a exploração aumentou bastante. Aqui se trabalha dando duas viagens, gastando-se sete horas de trabalho. Até aí, sempre foi assim. Mas acontece que agora ao chegar o pagamento vem o desconto de uma hora por dia. Se alguém faz hora-extra não recebe. Como diz o Paulinho (o novo chefe do departamento pessoal) é para compensar as horas que faltaram. Se reclamar é mandado embora. E os rodoviários já têm oito mil desempregados, por isso eles sempre nos ameaçam.

Por qualquer motivo a gente é demitido. Qualquer arranhão no carro, mesmo sem culpa, é motivo para demissão. Feriado a empresa só paga quatro por ano. Hoje a intranquilidade impera. E para garantir o êxito desta investida contra a categoria a empresa usa da velha tática: primeiro afastou todos os antigos inspetores; demite sindicalistas; e combate cada companheiro isoladamente, intimidando o camareiro. (De um grupo de rodoviários amigos da Tribuna, Rio de Janeiro).



PDS causa revolta na inauguração da Cohab

Nós, moradores da Cohab Itaquera I — Padre José de Anchieta, estamos escandalizados com a invasão de baratas, ratos, lagartos, aranhas, escorpiões, etc., que vem atacando nossas casas. E põe em risco até mesmo a vida de nossos familiares e vizinhos.

Ficamos revoltados por termos consciência que o Estado foi criado para promover o bem comum e atender as necessidades de toda a

sociedade, mas não vem correspondendo a sua verdadeira função. Vemos por exemplo que por ocasião da inauguração da Itaquera II — José Bonifácio, foi feita toda uma limpeza de fachada. Varreram ruas, pintaram muros e guias, etc. Faixas e faixas foram colocadas nas ruas com palavras elogiosas àqueles que são responsáveis em atender as necessidades do povo e usam o Estado para se promoverem politicamente a

fim de preservar o domínio da burguesia sobre o povo.

Esses representantes políticos que estão aí e que não foram escolhidos pelo povo, não correspondem às nossas necessidades. Mas nas eleições nós iremos demonstrar que queremos democracia, queremos liberdade, eleições limpas e que um povo unido jamais será vencido. (Grupo de moradores da Cohab Itaquera I — São Paulo, SP)

Cerâmica de Goiás corta o transporte dos operários

Desde o dia 11 de maio, a fábrica Cemina (Cerâmica e Mineração Nacional) deixou de fornecer transporte a seus operários, para que se deslocassem até o local de trabalho. A fábrica fica a 6 quilômetros da cidade de Anápolis e cerca de 1400 operários não perder o transporte. Segundo Eurípedes Pereira de Lima, ex-operário da firma e atual líder do movimento de Renovação Sindical, o corte do ônibus significa um gasto de cerca de 3.600 cruzeiros a mais no bolso dos operários.

A Cemina pertence ao Grupo Diomício Freitas, que possui mais sete cerâmicas e duas transportadoras espalhadas pelo país. Eurípedes afirma que "a firma explora ao máximo os operários e ainda por cima é beneficiada pela Lei de Incentivo Fiscal, que o governo fez aprovar para aumentar ainda mais o lucro dos capitalistas".

Na Cemina, os operários estão submetidos a péssimas condições de trabalho. Um operário da esmaltadora, José

Eurípedes, está encostado, com doença no pulmão, provocada pelo pó expelido pela fábrica. A situação atual não permite o avanço na organização dos operários, pois o sindicato é pelego. Chega ao cúmulo da presidência do sindicato ser ocupado por um advogado, quando até a lei estabelece que deveria ser ocupado por alguém da classe.

(Um colaborador da TO em Anápolis, Goiás)

Como faz falta a Igualdade Social!

Igualdade social. Que falta ela nos faz! Ao funcionário, operário, camponês... Já não sobram mais salários. No fim dos salários é que sobram meses. Nós, a Força Produtiva, tudo temos que economizar. Para luxúrias proporcionar. À classe do aristocrata. À classe do burguês. Por isto devemos lutar: Pela realização imediata, dos interesses de nossa classe. Se em cada momento existe a necessidade de lutar. De vitórias obter. Torna-se fundamental encontrar o método adequado. De educar o proletariado. De estimulá-lo. À Igualdade Social defender. Não deixemos que os magnatas. Pisem com suas patas. Sobre O funcionário, o operário, o camponês... (P.S. — Carapicuíba, São Paulo)



LÍÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

Os sindicatos e a luta revolucionária

Os sindicatos surgiram logo no início do capitalismo industrial. Marcaram a passagem da dispersão e da importância dos operários frente aos patrões para o desenvolvimento da união da classe. O capitalismo leva a uma certa concorrência entre os trabalhadores — sempre mantém um exército de mão-de-obra de reserva para ocupar o lugar dos grevistas ou dos que não dão o rendimento exigido. Mas a luta por melhores salários, por condições adequadas de trabalho e outros interesses comuns contra o patrão mostra-lhes o caminho da unidade como sua arma fundamental.

A tal ponto cresce a necessidade da união para fazer frente ao capital que a defesa do sindicato se torna mais importante do que cada reivindicação específica.

Para sabotar a organização dos trabalhadores o capitalismo usa a repressão e a corrupção. Em certos momentos usa a prisão de lideranças, a cassação e a intervenção nos sindicatos. Em outros, procura colocar na direção dos sindicatos elementos vendidos ao capital. Promovem os pelegos para entrar a luta operária e fazer do sindicato não uma arma da classe operária mas um instrumento de conciliação de classe.

EDUCAÇÃO DE CLASSE

A incorporação de amplas massas operárias nos sindicatos, a expulsão dos pelegos de suas diretorias, a defesa de suas lideranças mais esclarecidas e combativas, são tarefas permanentes e fundamentais para o proletariado. O sindicato é a mais importante organização de massas da classe operária. Seu fortalecimento é condição básica para que os trabalhadores tenham vitórias em suas reivindicações.

Mas as conquistas da luta econômica não bastam para a classe operária. E não são duradouras. Com a rotatividade da mão-de-obra, com a carestia, com o emprego de mão-de-obra menos especializada, com a racionalização do trabalho, com o emprego de máquinas mais modernas, com a elevação dos impostos e outros artificios, o sistema capitalista anula boa parte das conquistas sindicais. Para o proletariado não é suficiente podar os galhos do capitalismo. É preciso arrancar a raiz da exploração. Por isto mesmo o sindicato não pode restringir-se à luta econômica. Deve transformar-se também numa escola do socialismo. Os choques permanentes entre operários e patrões, as intervenções do governo para defender os capitalistas, devem servir para esclarecer as fileiras proletárias sobre a necessidade da luta pelo poder e pela construção de um novo sistema social. A própria atividade sindical ajuda a mostrar que será a luta política revolucionária, que em última instância decidirá sobre os problemas fundamentais da classe operária.

BÂNDEREAS POLÍTICAS

Além disto, os sindicatos não podem fugir do movimento político em curso. Não devem envolver-se na política partidária burguesa, mas não podem deixar de lutar pela liberdade e pela democracia como exigências imediatas da classe operária. A luta pela revogação da Lei de Greve e da Lei de Segurança Nacional, pela convocação de uma Constituinte livre e soberana e pelo fim do regime militar são bandeiras que interessam unitariamente a todos os trabalhadores e que devem constar do programa do movimento sindical em nosso país.

O fato do sindicato participar da luta política imediata não deve mudar a sua característica de organização ampla de massas. E não pode confundir-lo com o partido político da classe operária. O sindicato é uma organização ampla de massas, que coloca em seu programa as reivindicações comuns de cada categoria profissional e as exigências políticas unitárias da classe operária. A seguir, o papel das greves.



Garibaldi, herói de dois mundos

No dia 2 de junho completa-se o primeiro centenário de morte de um revolucionário que, muito justamente, recebeu o título de "Herói de Dois Mundos", por sua participação em lutas sociais importantes na Europa e na América do Sul, inclusive o Brasil: Giuseppe Garibaldi, um dos criadores da Itália Moderna. Batalhador da "República Universal", Garibaldi lutou contra as monarquias em todos os lugares onde passou.

Na guerra entre a França e a Alemanha, em 1870, o revolucionário italiano lutou ao lado dos franceses, contra as tropas invasoras de Bismarck. Em reconhecimento aos importantes serviços prestados à luta do povo francês, Garibaldi foi eleito deputado à Assembléia Nacional francesa, em fevereiro de 1871, um mês depois da assinatura do armistício onde a França reconhecia sua derrota e fazia importantes concessões financeiras e territoriais à Alemanha.

VAIADO PELOS MONARQUISTAS

Mas Garibaldi não chegou a tomar posse: atacado de reumatismo, velho e cansado, compareceu à sessão de instalação da Assembléia apenas para apresentar sua renúncia. Havia lutado arduamente pela República Francesa, ao lado dos trabalhadores e das forças progressistas do país. Por isso, foi vaiado pelos monarquistas da Assembléia Nacional, mesmo depois de haver mostrado a bandeira da Prússia tomada por seus soldados no campo de batalha.

O governo francês era ocupado pelo reacionário Thiers, inimigo dos operários e progressistas. Mas o ódio governamental não impediu que um oficial da Guarda Nacional homenageasse o velho guerrilheiro, fazendo sua tropa apresentar armas a Giuseppe Garibaldi quando ele se retirava do prédio da Assembléia. Homenagem significativa, prestada por uma das forças que, no mês seguinte (março de 1871)

sustentaria, juntamente com o proletariado e as forças populares da capital francesa, o primeiro governo operário da história, a Comuna de Paris.

AO LADO DOS GAÚCHOS

Garibaldi, em 1834, foi obrigado a exilar-se de sua pátria, a Itália, perseguido por participar de um levante revolucionário. Ele refugiou-se no Brasil, onde casou-se com a jovem Anita (veja box ao lado). Aqui lutou na guerra dos Farrapos, ao lado dos republicanos gaúchos. Em seguida lutou ao lado de Frutuoso Rivera, no Uruguai, e ao lado de Rosas, na Argentina. Voltando à Itália em 1848, combateu os exércitos da França, Áustria e Nápoles. Foi um dos fundadores da República Romana (1849), exilando-se após sua queda. Em 1854, voltou a participar das lutas pela unificação da Itália. Resolvido a transformar Roma na capital do país, organizou duas vezes a tomada da cidade papal, em 1862 e 1867, sem conseguir sucesso.

Depois da unificação da Itália, foi eleito deputado por Roma, em 1874. Renunciou, entretanto, dois anos depois. Republicano convicto, Garibaldi foi a expressão revolucionária do nacionalismo popular de sua época. Sua crença na "República Universal" levou-o a lutar por esse tipo de regime, contra as monarquias absolutas, em todos os lugares por onde passou, na Europa ou na América do Sul. (Carlos Henrique)



Anita, a Catarinense guerrilheira



Quando Garibaldi passou pelo arraial da Barra, na Laguna (atual Santa Catarina), provocou um pequeno drama familiar: a brasileira Ana Maria Ribeiro da Silva apaixonou-se pelo líder guerrilheiro e seguiu-o, abandonando seu marido. Dotada de grande bravura, essa mulher passou à história como Anita Garibaldi, a "Heroína de Dois Mundos".

Ao lado de Garibaldi, Anita participou da guerra dos Farrapos, da República Juliana (em Santa Catarina), das lutas no Uruguai e na Argenti-

na e da campanha pela unificação da Itália. Mesmo grávida, ela participou em vários combates até que, em 1849, em Livorno, tombou ferida, morrendo pouco depois, com apenas 28 anos de idade. Como Garibaldi foi obrigado a fugir em seguida, somente 15 dias mais tarde é que foi descoberto o corpo insepulto de Anita, sob um monte de palha. Suas cinzas repousam numa igreja, em Nice — e sua memória é lembrada em muitos monumentos e homenagens públicas, na Itália e no Brasil. (C.H.)

Grupos de teatro amador realizam congresso na cidade de São Paulo

Será realizado entre 28 e 30 de maio o XVII Congresso Estadual de Teatro Amador de São Paulo. O Congresso acontece num momento em que é vital a discussão do teatro amador, que cada vez mais volta-se para as mais amplas massas da população.

O Congresso será realizado no Teatro TAIB, e é convocado pela Confederação Estadual de Teatro Amador-Cotaesp. Nele serão abordados temas como "Cultura e Democracia", "Contribuição do Teatro Amador na Formação do Teatro Brasileiro", "Contribuição do Teatro Amador Hoje", etc. Será uma oportunidade para a avaliação da atividade dos artistas amadores nas lutas do povo brasileiro, e

para enfocar primordialmente as lutas do movimento em vários campos, como censura, direito autoral, verbas públicas, a atuação do Instituto Nacional de Artes Cênicas, entre outros.

Um aspecto importante do atual Congresso é que dele participam também os grupos não filiados à Cotaesp, cujo número é maior do que os filiados. Isso garante grande representatividade para o encontro. O objetivo é que o movimento teatral organizado passe a ser maior e mais coeso.

ARTE POPULAR

Neste Congresso será eleita a nova diretoria da Cotaesp e discutida a reestruturação da entidade estadual. Essa reestruturação é necessária à medida em

que existem novos dados sobre a realidade do movimento e da Cotaesp.

A importância de um congresso deste tipo está na mais ampla discussão de todos os problemas que tocam os artistas amadores. É de vital importância a discussão da prática do teatro amador hoje, na medida em que mais e mais grupos procuram voltar seus trabalhos para as mais amplas camadas da população brasileira, principalmente o operariado que sempre foi alijado da "cultural oficial". É para a parte mais pobre da população que se faz o teatro amador hoje. E isto não se deve à falta de espaço para a produção amadora, mas por sua opção de participar ativamente das lutas do povo. (Atilio Debatin).



O livro sobre a guerrilha é fartamer.te ilustrado

A mais completa pesquisa sobre a luta do Araguaia

Guerrilha do Araguaia é a mais nova publicação da Editora Anita Garibaldi. Participantes da guerrilha, familiares e estudiosos das lutas populares colaboraram na sua elaboração. É a mais completa publicação sobre este assunto palpitante.

exemplos florescerão ali e em todo o país". Divulga também entrevistas com familiares de mortos e com sobreviventes da guerrilha, além de cartas dos combatentes para suas famílias, documentos das forças guerrilheiras e avaliações de Angelo Arroio sobre o movimento de resistência armada no Sul do Pará.

"A justeza de um fato político não se mede pelo seu êxito ou seu fracasso ocasionais, mas pela sua necessidade histórica". É assim que Clovis Moura começa seu comentário de análise sobre a "oportunidade e a inevitabilidade" da Guerrilha do Araguaia.

Esta publicação da Editora Anita Garibaldi divulga uma entrevista com o dirigente comunista João Amazonas, que afirma confiante: "Não foi em vão que correu o sangue dos revolucionários e combatentes do Araguaia: suas ideias e seus

Depois de 10 anos da guerrilha, completados no dia 12 de abril, é o mais completo trabalho de pesquisa já divulgado. Procura-se assim vencer o longo silêncio com que o regime militar procurou sufocar este acontecimento de grande importância na luta de nossa gente pela liberdade e o progresso social.

"É um documento que re-produz um fato e mostra sua continuidade no presente como certeza de que o povo na luta construirá um Brasil livre da opressão e da violência: um Brasil socialista".

A maior e mais cara Copa da História

"A maior Copa da História". Assim vem sendo considerado o campeonato mundial de futebol da Espanha, com início marcado para o dia 13 de junho. A grandeza do certame pode ser medida pelo número de participantes da fase final, 24 contra 16 nas copas anteriores, e pelo volume de dinheiro envolvido na organização do campeonato, na cobertura pela imprensa, nos investimentos publicitários e na preparação das seleções.

Pela interferência do brasileiro João Havelange, presidente da Fifa, o número de participantes da fase final da Copa foi aumentado para 24 países. Ganha assim o presidente da Fifa preciosos votos para sua reeleição à frente da entidade. Mas perde o futebol no aspecto técnico, uma vez que representações como as de El Salvador, Honduras, Camarões, Nova Zelândia, Argélia e Kuwait não reúnem condições sequer para figurar nas divisões inferiores do nosso futebol.

Serão 52 jogos no total, contra 31 pela fórmula anterior. Deverão render 1,5 bilhões de dólares, segundo previsões do Real Comitê Organizador. Os torcedores brasileiros que viajarão à

Espanha — cerca de sete mil — contribuirão com cerca de US\$ 23 milhões.

DINHEIRO NÃO FALTA

A euforia da Copa não contagia apenas os apaixonados torcedores. Pelo contrário. As agências publicitárias, os anunciantes e os veículos de comunicação engordarão seus caixas durante o campeonato. A Rede Globo de TV, que cobrirá com exclusividade as transmissões para o Brasil, vendeu o patrocínio comercial pela astronômica quantia de quatro bilhões de cruzeiros. Para esta cobertura enviará uma equipe de 142 profissionais e colocará no ar 150 horas de programação sobre a Copa.

Os jogadores mais destacados também ganharão. Zico e Telê puxam o cordão, invadindo o horário nobre com propagandas de bancos, vitaminas, Coca-Cola; Sócrates vende chuteiras, pneus; Júnior recomenda calças New-Man; Batista usa Adidas e Falcão divulga a concorrente Hering.

A preparação da nossa seleção não deixa também de contar com um orçamento generoso. A CBF recebeu 500 milhões de cruzeiros da Loteria Esportiva, a despeito de ter previsto gastar 300 milhões. Neste orçamento está incluída a despesa com a concentração na Toca da Raposa; o frete de um avião para a delegação de 36 pessoas; o pagamento de prêmios e salários no valor aproximado de 180 milhões; e os gastos com a cozinha, que consumirá seis mil quilos de alimentos.

Como se vê, não será por falta de dinheiro que esta deixará de ser a "maior Copa da História". (Jessé Madureira)



Um dos muitos cartazes da Copa do Mundo na Espanha

Todo Brasil está com Javier!

O Brasil em peso está disposto a impedir que Figueiredo expulse o presidente da UNE de sua pátria. Dia 24, o Conselho Federal da OAB nomeou uma comissão para acompanhar em caráter de urgência o processo movido pelo governo, que é "inconstitucional, imoral, ilegal e monstruoso", segundo o eminente jurista doutor Sobral Pinto.

A Ordem dos Advogados do Brasil concluiu que nem a famigerada da Lei dos Estrangeiros justifica a expulsão, já que proíbe aos estrangeiros atividade político-partidária e não atividade política em geral. Que o processo viola a Constituição. E que se for consumado abrirá um perigoso precedente: qualquer estrangeiro estará sujeito a expulsão até pelo simples fato de ser sindicalizado. Vários conselheiros apontaram no episódio uma provocação de setores interessados na "fechadura".

Todas as entidades, todos os partidos de oposição, todo povo

O bloco unânime de todos os democratas em defesa do brasileiro Javier Alfaya expressou-te também em São Paulo, dia 21, num ato de solidariedade que encheu o auditório do Tuca. O senador Franco Montoro, candidato ao governo de São Paulo pelo PMDB, afirmou na

ocasião que "se estas manifestações se repetirem, Javier continuará, brasileiro e presidente da UNE. Esta luta é de todos os brasileiros". O deputado Ayrton Soares, em nome do PT, recordou a força do povo citando o 1º de Maio de 1980. Terezinha Zerbini, pelo PDT, expressou sua solidariedade "como mulher e como mãe".

Aldo Rebelo, presidente da UNE na gestão anterior, foi dos mais aplaudidos quando afirmou: "Não conseguiremos provar que Javier é espanhol. Javier chegou aqui com seis anos de idade. O que ele aprendeu, da cozinha à gramática, passando pela História e tudo o mais, aprendeu aqui, no Brasil.

Dom Avelar Brandão, cardeal primaz do Brasil, hipotecou pessoalmente sua solidariedade a Javier.

Em defesa de Javier e da UNE constituiu-se um Comitê Nacional, reunindo o que existe de mais representativo no país: Comissão Pró-Cut, Centro do Professorado Brasileiro, ABI, IAB, UBES, Andes, OAB, Comissão de Justiça e Paz, todos os partidos de oposição e mais uma



Javier, no Congresso de Cabo Frio, onde estudantes do Brasil inteiro o elegeram

longa lista de entidades estudantis, sindicatos e personalidades.

Várias Reitorias também tomaram posição contra o processo, mostrando até que ponto o governo isolou-se no episódio. Entre elas, as das Universidades Federais de Santa Catarina e Minas Gerais, Universidades Católicas de São Paulo e Campinas, Universidade Metodista de Piracicaba.

"Javier é muito mais brasileiro que os que vendem o país"

João Edênio Reis Valle, vice-reitor da PUC-SP, expressou o sentimento da comunidade em carta ao ministro Abi Ackel: "Seria odioso, senhor ministro, e por todos os títulos indignos de nossa pátria, expulsar do país alguém que aqui chegou criança e aqui cresceu em tudo e por tudo brasileiro". Em Porto Alegre, o renomado educador Paulo Freire arrancou fortes aplausos de 2 mil estudantes, num seminário da UEE, ao afirmar: "Digo a vocês e a esse moço

que ele é tão brasileiro quanto eu, mais brasileiro que aqueles que vendem nosso país aos estrangeiros".

Tudo isto se casa com a mobilização dos estudantes, aos milhares, em atos de rua em São Paulo, Goiânia, Maceió, Campinas, Belo Horizonte, Salvador, este último reprimido pela Polícia Militar. Os estudantes aprenderam com a dramática expulsão do padre Vito Miracapillo, no ano passado. Não basta o simples posicionamento do Brasil democrático. É indispensável também a ação de massas e energética, para forçar o governo a recuar. É como disse Edberto Ticianelli, do DCE da UFAL: "Hoje estamos aqui na rua gritando abaixo a ditadura. Mas amanhã estaremos em greve, se necessário, para impedir a expulsão do brasileiro Javier Alfaya".

O presidente da UNE encontra-se confinado em Salvador, sob forte vigilância policial. Este fim de semana também em Salvador, todas as entidades gerais de estudantes reunem-se para deliberar sobre esta batalha, de longe a mais importante do movimento estudantil no momento — e decisiva para Javier.

Os generais exigem ainda mais armas!

Aproveitando a guerra das Malvinas, os generais brasileiros querem o fortalecimento bélico. Enquadram-se na estratégia de guerra do imperialismo americano. Os recursos viriam de taxas maiores de água, luz e com o adiamento do 13º salário dos funcionários. Encobrem seus planos com um manto de segredos, mas é visível que eles não servem ao povo.

Os altos escalões militares argumentam com as cifras do orçamento federal, dizendo que o Brasil "só" gasta 143 bilhões por ano com armamentos. Porém não é difícil constatar que a verdade não é esta.

Como se sabe, o governo, sob o regime militar, possui três orçamentos e não um. O primeiro, é o orçamento fiscal, o menor de todos e o único que é submetido ao Congresso Nacional, embora este não possa fazer-lhe emendas — tem que aceitar ou recusar tudo em bloco. É neste orçamento que aparece a cifra "modesta" dos 143 bilhões em armas.

O que o truque do orçamento esconde

Mas há o orçamento monetário que engrossa substancialmente as verbas destinadas à indústria de armas, através, por exemplo, do incentivo às exportações. Em 1981, as exportações de armas no Brasil já atingiram 2 bilhões de dólares — e em média o governo concede incentivos fiscais de 30% para a exportação. Só aí já são mais 100 bilhões de cruzeiros, dos cofres públicos, carreados para o fabrico de meios de guerra.

Mas há ainda o orçamento das empresas estatais. E muitas empresas pertencentes total ou parcialmente ao Estado estão empenhadas na produção de armas. Entre elas está a Implasa, que recentemente se ampliou incorporando quatro outras firmas. E também a Embraer, onde estourou há poucos dias uma greve de 6 mil operários, por melhores salários.

Afinal essa guerra seria contra quem?

Dizem os generais que é preciso reforçar a defesa do país. Mas contra quem? Desde 1964 até hoje o alvo central das Forças Armadas foi o próprio povo brasileiro, vítima de prisões torturas e assassinatos. Mas, no caso de uma guerra com outros país, o inimigo seria algum vizinho? Seria alguma potência imperialista como a Alemanha ou a Inglaterra? Ou uma superpotência como os Estados Unidos ou a União Soviética?

No caso da base aeronaval que planejam construir na Ilha de Trindade, a um preço estimado de 300 bilhões de dólares, o projeto de construção vai ficar a cargo da Westinghouse (americana) e da Odebrecht. E

segundo o almirante Maximiano da Fonseca, ela teria o papel de proteger o Atlântico Sul e a rota do petróleo para o Ocidente numa guerra. Disse ainda que os americanos estão muito interessados neste plano.

Plano imperialista, mas "70% nacional"

Pela tecnologia, que dizem ser 70% nacional, também se pode ver qual seria o inimigo. Por exemplo, as quatro corvetas para a Marinha serão guiadas por um sonar altamente sofisticado, alemão. Seus projéteis serão orientados por um minúsculo sensor estrangeiro. O novo avião AMX será construído em conjunto com a indústria italiana. E assim por diante. O detalhe minúsculo mas essencial depende da tecnologia sofisticada que o Brasil não tem. Aumenta o atrelamento do país ao imperialismo.

Não serão eles que defenderão o país

A dependência tecnológica não pode servir a uma política de defesa da pátria. E não seriam os generais, que entregam descaradamente o país ao capital estrangeiro que iriam se armar para defendê-lo. Seus planos armamentistas fazem parte da política de guerra do imperialismo.

A produção de tanques, aviões e foguetes convencionais é um complemento, dentro da política do imperialismo norte-americano, que fica com os aviões supersônicos ultramodernos e os mísseis estratégicos eletrônicos, altamente sofisticados. As 350 indústrias de armas brasileiras, com mais de 100 mil trabalhadores empregados, servem para vender armas para os conflitos localizados como a guerra Irã-Iraque e para ajudar na defesa do Atlântico Sul numa guerra entre as superpotências.

E querem tirar o dinheiro do 13º

Só o plano da Marinha para os próximos dez anos é gastar por ano mais do dobro do que é gasto hoje por todas as Forças Armadas. E segundo Flávio Pécora, da Secretaria de Planejamento, estes recursos serão gerados pelo aumento dos impostos e das taxas como luz, telefone e água. E pelo adiamento do 13º salário dos funcionários para o ano que vem.



Montoro no Tuca: "Javier continuará, brasileiro e presidente da UNE!"

A maré das greves voltou a subir

Mais de 200 mil trabalhadores brasileiros entraram em greve nas últimas semanas. Em fins de maio, os funcionários públicos paulistas. Em abril, professores de vários Estados. Em maio, metalúrgicos de Rio de Janeiro e São Paulo. O movimento grevista avança por ondas — nunca em linha reta. Mas já se pode dizer que, ao que tudo indica, a maré está subindo de novo.

Para se ter idéia do que isto significa, é preciso recuar um pouco no tempo. Recordar as greves metalúrgicas de quatro anos atrás em São Bernardo, que iniciaram a fase atual do movimento grevista. Elas puseram fim a 14 anos de impotência e revolta represada dos trabalhadores. Ao final de 1978, cerca de um milhão de brasileiros haviam cruzado os braços. Em 1979, a onda alcançou a marca dos 3,5 milhões de grevistas, sem precedentes na nossa história. Em 1980 o movimento atingiu um auge, com a greve de abril-maio em São Bernardo, que

chegou a gerar um princípio de crise política do governo militar anti-operário.

Depois que a grande greve de São Bernardo foi vencida pela força das armas e da fome, o ritmo das paralizações refluíu. Em outubro daquele ano, o movimento dos cortadores de cana de Pernambuco ainda mereceu destaque. Mas 1981 já foi marcadamente um ano de greves por fábrica, como as da Fiat, no Rio de Janeiro, e da Ford no ABC paulista.

Agora, as paralizações começam a crescer novamente. É ainda um momento de indefinição. Muitas



Coleta para o fundo de greve na Volkswagen paralizada: a união faz a força

greves são parceladas por fábrica, na maioria pelo simples direito de receber salários que os patrões embolsam para se safar da crise. Outras pipocam por empresa, mas buscando — nem sempre com êxito — o caminho da unificação. Já aparecem greves por categoria, como a dos metalúrgicos de Niterói. E há movimentos que se desenvolvem ao mesmo tempo em diferentes Estados, como os dos professores públicos de Goiás, Bahia, Acre e Piauí. As reivindicações típicas dos tempos de crise — contra as demissões, contra o atraso dos salários — se misturam com as de aumento salarial. E voltam-se diretamente contra o governo, como no caso dos funcionários públicos de São Paulo.

Várias paralizações conseguiram arrancar vitórias dos patrões

Outro aspecto que merece atenção é o resultado das greves. Várias conseguiram arrancar conquistas: 6% de produtividade em vez de 3%, para os metalúrgicos de Niterói; 5,5% no lugar de 4%, no caso dos metalúrgicos de São Bernardo e da Ericsson de São José dos Campos. São migalhas — poderia dizer alguém. Mas são também demonstra-

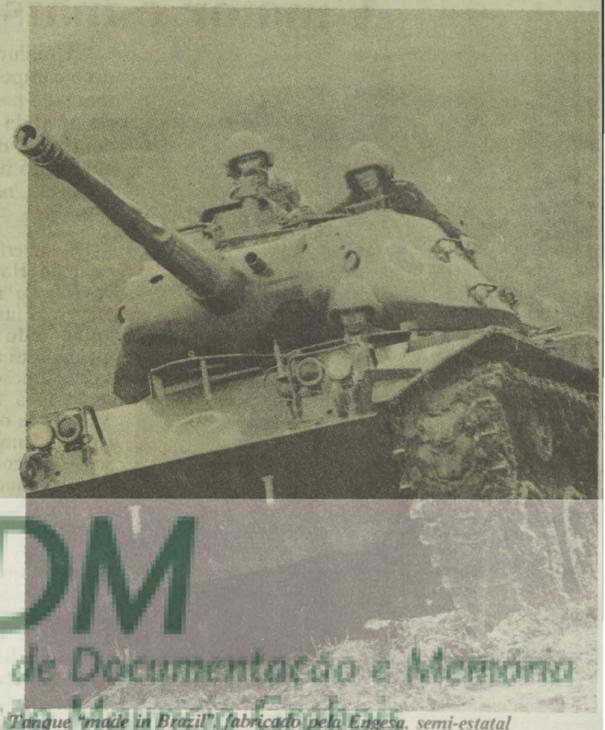
ções de que vale a pena trilhar o caminho da luta — o único que impede o massacre crescente do trabalho pelo capital. Na medida em que o movimento cresce e se generaliza, pode alcançar êxitos bem maiores. E sem dúvida elevará nos trabalhadores a consciência da sua própria força.

O sem emprego pode tomar-se uma imensa reserva do movimento

Ao contrário de 1978, esta segunda maré grevista que vai se anunciando enfrenta uma situação de recessão aberta da economia e desemprego em massa. De um lado, isto tem segurado as greves, sobretudo por empresa. Mas, de outro, pode multiplicar em muito o poder explosivo do movimento. Até o momento, a massa de desempregados funciona de certa maneira como uma reserva que o patronato emprega, para chantagear os trabalhadores empregados. Mas pode-se imaginar que imensa reserva do movimento operário ela pode tornar-se, por exemplo, no caso de uma paralisação que se generalize e que ganhe as ruas, contra a política de fome das classes exploradoras e do governo.

200 mil grevistas em dez semanas

DATA	CATEGORIA	EMPRESA-LOCAL	GREV.	MOTIVOS
Desde 20-1	Metalúrgicos	Ciferal-RJ	1.800	Salários atrasados
Desde 1-2	Metalúrgicos	Cimetal-MG	1.300	Salários atrasados
Desde 20-3	Metalúrgicos	Coferraz	2.200	Salários atrasados
22 a 29-3	Funcionários	São Paulo	60.000	140% e reajuste sem.
Desde 26-3	Canavieiros	Usina Tamoio Araraquara-SP	750	Salários atrasados
1 a 15/4	Professores	Rede privada-BA	2.500	8/ de produtividade
5-4	Constr. Civil	Polo Petroq.-RS	2.000	Problemas salariais
15-4	Cobreadores de ônibus	São Bernardo-SP	80	Respeito ao contrato coletivo
Desde 17-4	Professores	Rede oficial-GO	15.000	Equiparação com a rede federal
26-4	Motoristas	Belém-PA	400	70% de reajuste
26 a 30-4	Metalúrgicos	Rib. Preto-SP	200	Readmissão de 80 demitidos
27-4	Metalúrgicos	Vigorelli Jundiaí-SP	350	Salários atrasados
27-4 a 5-5	Constr. Civil	Paulo Afonso-BA	620	Equiparação com a Chesf
28-4 a 6-5	Metalúrgicos	Niterói-RJ	17.000	15% de produtividade
29-4	Motoristas de ônibus	Suzano-SP	120	Equiparação com o ABC e pagto. horas extras
30-4 a 12-5	Professores	Rede oficial-AC	2.000	Reajuste de 70%
3 a 7-5	Professores	Rede oficial-BA	30.000	Reajuste de 190%
Desde 10-5	Médicos	Golden Cross-RJ	2.000	Cr\$1,5 mil por consulta
10 a 15-5	Metalúrgicos	São Bernardo-SP	53.000	7% de produtividade
10 a 15-5	Metalúrgicos	Sertãozinho-SP	4.000	7% de produtividade
17 a 20-5	Metalúrgicos	São José-SP	9.620	7% de produtividade
Desde 22-5	Metalúrgicos	Vigorelli-SP	2.000	Salários atrasados
24-5	Metalúrgicos	Tupi-S. André-SP	320	Salários atrasados



(Bernardo Joffily)